
	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”</p> <p>Campus de Marília</p>	
---	--	---

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”.  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS – MARÍLIA  
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE  
NACIONAL – PROFSOCIO - UAB-UFC-UNESP MARÍLIA**

**HAINRA ASABI ALVES COSTA**

**IDENTIDADE RACIAL E TRANSEXUAL: UM OLHAR SOBRE OS  
PNLD DE SOCIOLOGIA**



**MARÍLIA - SP**

**2020**

HAINRA ASABI ALVES COSTA

**IDENTIDADE RACIAL E TRANSEXUAL: UM OLHAR SOBRE OS  
PNLD DE SOCIOLOGIA**

Dissertação para obtenção do título de Mestre  
apresentado ao PROGRAMA Mestrado  
Nacional de Sociologia em Rede  
(PROFSOCIO) da Faculdade de Filosofia e  
Ciências – Unesp/Marília. Exemplar  
apresentado para exame de qualificação.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela de Lima  
Vieira

**MARÍLIA - SP**

**2020**

C837i

Costa, Hainra Asabi Alves

IDENTIDADE RACIAL E TRANSEXUAL. : UM OLHAR  
SOBRE OS PNLD DE SOCIOLOGIA / Hainra Asabi Alves Costa. --  
Marília, 2020

80 p. : il., tabs., fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual  
Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília  
Orientadora: Rosângela de Lima Vieira

1. Ensino de Sociologia. 2. PNLD - Programa Nacional de Livros  
Didáticos. 3. Identidade racial. 4. Identidade Tavesti / Transexual/  
Trangenera. 5. Olhar sobre os livros de sociologia PNLD 2018. I.  
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**HAINRA ASABI ALVES COSTA**

**IDENTIDADE RACIAL E TRANSEXUAL: UM OLHAR SOBRE OS PNLD DE SOCIOLOGIA**

Dissertação para obtenção do título de Mestre apresentado ao PROGRAMA Mestrado Nacional de Sociologia em Rede (PROFSOCIO) da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp/Marília. Exemplar apresentado para exame de qualificação.

**Orientador:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela de Lima Vieira

**Aprovado em:**

**BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosângela de Lima Vieira – Unesp - Marília

---

**Membro Titular:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana de Souza Nascimento – USP / FFLCH

---

**Membro Titular:** Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Aparecida de Sousa Fernandes – FFC/UNESP

---

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
UNESP – Marília

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

## RESUMO

O presente trabalho de estudo tem por objetivo realizar as análises quantitativas dos livros didáticos do PNLD 2018 de Sociologia, em suas cinco publicações, a partir de um recorte das identidades racial e transexual, da leitura dos textos carregados da temática em questão. Para produção dos dados levamos da ferramenta de pesquisa presente no software Adobe Acrobat Reader DC, aplicando um conjunto de palavras relacionadas ao tema, separadas entre raça e travestilidade. Para a identificação dos textos, imagens, tabelas e gráficos que tratassem a questão racial utilizamos os verbetes: raça, negro e preto. Já para localizar textos, imagens, tabelas e gráficos relacionadas as questões da identidade travesti, ficamos uso das palavras: transsexual, transgênero (a) e transexual. Após identificar as palavras chave uma a uma, passamos a ler o conteúdo e contexto ao qual a palavra chave se encontrava, afim de verificar o enquadramento de nosso objeto. Na sequência análise dos dados, bem como apresentamos ao longo desta dissertação.

**Palavras-chave:** raça; transexualidade, identidade.

## **ABSTRACT**

The present study work aims to carry out the quantitative analysis of the PNLD 2018 textbooks of Sociology, in its five publications, from a section of racial and transsexual identities, from reading the texts loaded on the subject in question. For the production of the data we took the research tool present in the Adobe Acrobat Reader DC software, applying a set of words related to the theme, separated between race and transvestite. For the identification of texts, images, tables and graphs that dealt with the racial issue, we used the entries: race, black and black. In order to locate texts, images, tables and graphs related to issues of transvestite identity, let us use the words: transsexual, transgender (a) and transsexual. After identifying the key words one by one, we started to read the content and context to which the key word was found, in order to check the framing of our object. Following the data analysis, as well as presented throughout this dissertation.

**Keywords:** gender identity, racial identity, transsexuality.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ANTRA:** Associação Nacional de Travestis e Transexuais

**ENEM:** Exame Nacional do Ensino Médio

**LGBT:** Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

**PDF:** Portable Document Format

**PNLD:** Programa Nacional do Livro Didático

**SUS:** Sistema Único de Saúde



## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – Printscreen da versão PDF do PNLD 2018: Tempos Modernos, Tempos de Sociologia .44

Figura 2 – Printscreen da versão PDF do PNLD 2018: Sociologia .....45

Gráfico 1 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (Sociologia, 2ª ed.) .....50

Gráfico 2 – Box por temas (Sociologia, 2ª ed.) .....51

Gráfico 3 – Percentual de imagens e de figuras por temas (Sociologia, 2ª ed.) .....52

Gráfico 4 – Percentual de tabelas e de gráficos por temas (Sociologia, 2ª ed.).....53

Gráfico 5 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (Sociologia Hoje, 2ª ed.)

.....57

Gráfico 6 – Box por temas (Sociologia Hoje, 2ª ed.) .....58

Gráfico 7 – Percentual de imagens e de figuras por temas (Sociologia Hoje, 2ª ed.) .....60

Gráfico 8 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (Tempos Modernos,

Tempos de Sociologia, 3º ed.) .....62

Gráfico 9 – Box por temas (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.) .....64

Gráfico 10 – Percentual de imagens e de figuras por temas (Tempos Modernos, Tempos de

Sociologia, 3º ed.).....64

Gráfico 11 – Percentual de tabelas e de gráficos por temas (Tempos Modernos, Tempos de

Sociologia, 3º ed.).....65

Gráfico 12 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (Sociologia em

Movimento, 2ª ed.) .....67

Gráfico 13 – Box por temas (Sociologia em Movimento, 2ª ed.) .....69

Gráfico 14 – Percentual de imagens e de figuras por temas (Sociologia em Movimento, 2ª ed.) .....71

Gráfico 15 – Percentual de tabelas e de gráficos por temas (Sociologia em Movimento, 2ª ed.) .....72

Gráfico 16 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (Sociologia para Jovens

do Século XXI, 4ª ed.) .....74

Gráfico 17 – Box por temas (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.) .....76

Gráfico 18 – Percentual de imagens e de figuras por temas (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª

ed.) .....77

Gráfico 19 – Tabelas e gráficos por temas (Sociologia para Jovens do Século XXI, 4ª ed.) .....78

Gráfico 20 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: textos/tema .....80

Gráfico 21 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: texto/tema por concentração nos eixos .....81

Gráfico 22 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: quantidade de páginas por obra/tema .....82

Gráfico 23 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: boxes por tema .....83

Gráfico 24 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: boxes/tema por concentração nos eixos .....84

Gráfico 25 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: imagens/figuras por tema/obra .....85

Gráfico 26 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: gráficos/tabelas por tema/obra .....86

Quadro 1 – Livros didáticos aprovados no PNLD 2018 .....40

Quadro 2 – Perfil dos autores (PNLD 2018 de Sociologia) .....41

Quadro 3 – Currículo Oficial de Sociologia do Estado de São Paulo .....46

Quadro 4 – Divisão por capítulos/seções (Sociologia, 2ª ed.) .....49

Quadro 5 – Divisão por capítulos/seções (*Sociologia Hoje*, 2ª ed.) .....56

Quadro 6 – Divisão por capítulos/seções (Tempos Modernos, Tempos de Sociologia, 3º ed.) .....61

Quadro 7 – Divisão por capítulo/seções (Sociologia em Movimento, 2ª ed.) .....67

Quadro 8 – Divisão por capítulos/seções (Sociologia para Jovens do Século XXI, 4ª ed.) .....73

Tabela 1 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude (Sociologia, 2ª ed.) 50

Tabela 2 – Lista de boxes ( <i>Sociologia</i> , 2ª ed.) .....	52
Tabela 3 – Lista de imagens e de figuras ( <i>Sociologia</i> , 2ª ed.) .....	53
Tabela 4 – Lista de tabelas e de gráficos ( <i>Sociologia</i> , 2ª ed.) .....	54
Tabela 5 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude ( <i>Sociologia Hoje</i> , 2ª ed.) .....	57
Tabela 6 – Lista de boxes ( <i>Sociologia Hoje</i> , 2ª ed.) .....	59
Tabela 7 – Lista de imagens e de figuras por tema ( <i>Sociologia Hoje</i> , 2ª ed.) .....	61
Tabela 8 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude ( <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i> , 3º ed.) .....	63
Tabela 9 – Lista de boxes ( <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i> , 3º ed.) .....	64
Tabela 10 – Lista de imagens e de figuras por tema ( <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i> , 3º ed.) .....	65
Tabela 11 – Lista de tabelas e de gráficos ( <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i> , 3º ed.) .....	66
Tabela 12 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude ( <i>Sociologia em Movimento</i> , 2ª ed.) .....	69
Tabela 13 – Lista de boxes ( <i>Sociologia em Movimento</i> , 2ª ed.) .....	70
Tabela 14 – Lista de imagens e de figuras por tema ( <i>Sociologia em Movimento</i> , 2ª ed.) .....	71
Tabela 15 – Lista de tabelas e de gráficos ( <i>Sociologia em Movimento</i> , 2ª ed.) .....	72
Tabela 16 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude ( <i>Sociologia para Jovens do Século XXI</i> , 4ª ed.) .....	75
Tabela 17 – Lista de boxes ( <i>Sociologia para Jovens do Século XXI</i> , 4ª ed.) .....	76
Tabela 18 – Lista de imagens e de figuras por tema ( <i>Sociologia para Jovens do Século XXI</i> , 4ª ed.) .....	77
Tabela 19 – Lista de tabelas e de gráficos ( <i>Sociologia para Jovens do Século XXI</i> , 4ª ed.) .....	78

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. A QUESTÃO DA IDENTIDADE .....</b>	<b>15</b>
2.1. A identidade racial no Brasil.....	18
2.2. Identidade travesti .....	22
2.2.1. Trásfeminismo: reflexões na busca de sua construção e pautas indenitárias .....	25
2.3. A escola e a construção da identidade .....	29
<b>3. O LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS .....</b>	<b>35</b>
3.1. Perfil dos autores.....	39
<b>4. ANÁLISE DOS PNLDS DE SOCIOLOGIA 2018.....</b>	<b>44</b>
4.1. Metodologia .....	44
4.2. Análises quantitativas .....	48
4.2.1. Análise quantitativa de <i>Sociologia</i> .....	48
4.2.2. Análise quantitativa de <i>Sociologia Hoje</i> .....	55
4.2.3. Análise quantitativa de <i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i> .....	61
4.2.4. Análise quantitativa de <i>Sociologia em Movimento</i> .....	66
4.2.5. Análise quantitativa de <i>Sociologia para Jovens do Século XXI</i> .....	72
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>79</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>88</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Vivemos no contexto das sociedades plurais que impõe às instituições escolares a discussão de uma gama de temas complexos relacionados à construção do próprio indivíduo, a partir de sua construção identitária, de sua identidade étnico/racial, de sua cultura, de seu gênero, de sua coletividade dentre outras, o que leva a escola ao grande desafio de trabalhar essas temáticas, respeitando e valorizando

as características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, as desigualdades socioeconômicas e a crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade Brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1997).

Diante desta realidade, a escola tem um papel fundamental, visto que esta instituição também é um lugar de construção de identidade e de valores. Com isso, as crianças, os jovens e os adultos devem ter acesso ao ensino que apresente pautas à diversidade cultural, às diversidades étnico/raciais e à diversidade de gênero existentes. Dando voz e visibilidade a grupos e a assuntos antes marginalizados, rompendo com a visão hegemônica, eurocêntrica, heterocêntrica e cristã. Logo, é responsabilidade da escola provocar este olhar sobre a sociedade, porque, a cada dia, assistimos a inúmeras situações de hostilidades direcionadas a negros, mulheres e aos LGBTs recorrentes tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

A discussão identitária e, por conseguinte, as possíveis compressões acerca desta temática têm se apresentado como temas centrais na busca do entendimento da sociedade contemporânea. A visão de uma identidade homogênea, oriunda de elementos ditos constituidores de uma “dada cultura”, sedimentava-se a partir da concepção de nacionalidade, de gênero, de orientação religiosa, de elementos de etnia/raça dentre outras caracterizações, o que norteava a concepção de identidade individual e coletiva. Porém, estas concepções encontram seu declínio a partir de uma nova realidade social presente na pós-modernidade que diz respeito às identidades se apresentarem de forma mais fluida, com traços diversos cada vez mais subjetivos. Podemos compreender estas movimentações de identidade a partir de um processo mais amplo de deslocamento e de fragmentação do indivíduo que busca, em seu descentramento, uma característica de sua própria localização social.

Assim, a ideia de identidade perpassa por uma construção de diferença social, de modo que suas definições discursivas estão sujeitas a vetores de força submetidos às relações de poder. Não são meras definições, e sim imposições.

Para Silva (2000, p. 81), “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.”. Logo, deduzimos desta leitura que onde há diferenciação, há a manifestação do poder. Ainda, o autor salienta que há uma série de processos que traduz esta diferenciação; são exemplos (a) a inclusão e a exclusão de quem é pertencente ou não a determinado meio por meio dos processos de caracterizar, representar, marcar, simbolizar ou estabelecer a sua relação e (b) a demarcação de “fronteiras”, fator determinante para definir e separar “nós” de “eles” por meio de classificação e de normatização. No entanto, Adorno explica que grupos considerados dominantes “utilizam da violência como se fosse meio natural de solução de conflitos, seja nas relações entre classes sociais, seja nas relações intersubjetivas”. Neste sentido, a violência torna-se um dos maiores fatores geradores da construção e/ou da desconstrução das identidades.

Assim, segundo Hall (2003), a identidade apresenta-se de maneira performática, inserida em uma disputa de narrativas entre questões individuais, valores e regras normativas e coletivas travadas diariamente, resultantes das mais plurais identidades. Logo, apresentar a educandos a discussão da construção das múltiplas identidades é contribuir para que a sociedade se torne mais tolerante com as diferenças.

Assim, faz-se extremamente necessário que as escolas, guardada sua imensa importância, se apresentem como espaço motivador da sociedade pluralizada, promovendo à sua comunidade a discussão e o estudo de discursos e posicionamentos não hegemônicos e o pleno contato com os valores e as visões diversas, com foco na convivência entre as diferenças.

Iniciamos os trabalhos apresentando um panorama de referencial teórico, a fim de nos conduzir na busca dos elementos constituidores da identidade. Na sequência, lançamo-nos na busca de referências teóricas acerca dos possíveis elementos constituidores das identidades negra e das identidades transgêneras.

Ao segundo capítulo, dedicamos as nossas energias à análise do processo histórico da produção destes livros didáticos e da contradição existente nos PNLDs 2018 de Sociologia. Apresentamos uma análise do perfil dos autores envolvidos na produção. Assim, acreditamos que, ao tentarmos compreender o perfil dos autores, caminhamos para uma leitura mais precisa de suas respectivas narrativas.

Por fim, apresentamos a metodologia adotada para a elaboração da análise dos PNLDs para o levantamento de dados quantitativos de cada obra, no tocante às questões negra e transexuais. Nesta etapa, pretende-se utilizar os dados quantitativos a fim de obter um extrato das obras quanto a capítulos, títulos, textos, imagens, figuras, tabelas e gráficos.

No último capítulo, nos dedicamos a comparar as cinco obras entre si, a fim de desvendar qual aborda, como aborda e com quais recursos aborda as temáticas identitárias negras e as de travestilidade.

Logo, vamos à leitura.

## 2. A QUESTÃO DA IDENTIDADE

A discussão identitária tem ganhado grande destaque como objeto de estudo das Ciências Sociais desde o final do séc. XX. A proposta de uma certa homogeneidade, oriunda de elementos ditos constituidores de uma “dada cultura”, sedimentava-se a partir da concepção de nacionalidade, de gênero, de orientação religiosa, de etnia/raça dentre outras caracterizações; tais elementos norteavam a concepção de identidade individual e coletiva.

A concepção de identidade individual entra em crise na pós-modernidade, por volta de 1970, frente a demandas não latentes na modernidade. Esta crise pode ser compreendida a partir da característica de descentramento do sujeito e de comportamentos cada vez mais heterogêneos. Tão logo as crises de identidades individuais somam-se à crise das identidades nacionais, a globalização produz uma certa fluidez das fronteiras nacionais, levando ao cenário atual de descentramento e provocando uma crise de identidade.

Podemos compreender esta crise de identidade a partir de um processo mais amplo de deslocamento e de fragmentação do indivíduo moderno. O bojo de referências que dava ao indivíduo uma ideia de pertinência em um universo centrado, de alguma forma, entra em colapso, se tornando algo descentrado e fragmentado, o que é característico do final do séc. XX (HALL, 2003, p. 9). Este descentramento opõe-se às culturas do passado, que, a seu modo, forneciam aos indivíduos fortes localizações sociais; a identidade, então, torna-se uma questão que passa a ser tratada como passível de assimilação e compreensão pelo próprio indivíduo pós-moderno que busca, em seu descentramento, uma característica de sua própria localização social.

Talvez um dos mecanismos mais comuns de identificação do sujeito seja o sentimento de nacionalidade, o pertencer a uma nação. Ter uma nação não é inerente à humanidade, mas à uma construção cultural de longa data.

A concepção identitária gerada pela ideia de nação é um conjunto simbólico – portanto, partilhada por um grande número de indivíduos – que dá ao homem um sentimento de pertencimento. A globalização provoca o deslocamento da ideia de identidade nacional, o que dilui o sentimento de pertencimento nacional. Porém a ideia de nacionalidade não está limitada à concepção das fronteiras – “uma cultura nacional é um discurso” (HALL, 2003, p. 50). Tão logo o sentido de nação seja capaz de construir um sentido narrativo pautado pelas memórias, ele conecta, de forma íntima, o presente, o

passado e o futuro. Assim como podemos observar na construção da identidade brasileira, tanto as bases positivistas de “ordem e progresso” quanto a máxima ideia de convivência pacífica de todas as raças/etnias levam a construir uma identidade do que se pode chamar de Brasil.

Como apresentado por Hall (2003), a construção da nação pode equivaler à invenção da tradição, uma vez que ambas se encaixam, de forma expressiva, na vida da nação, permitindo uma identificação com algo que não se pode chamar de tradicional, mas que é construído a fim de organizar uma ideia de discurso em torno de si mesmo, o que mobiliza as pessoas para que validem suas respectivas “unidades” e, conseqüentemente, que identifiquem e que combatam o outro que não pertence à sua identidade nacional. A identidade constrói-se a partir de uma força violenta de subjulgamento do outro, o diferente. Logo, pode-se afirmar que a identidade é construída a partir de afirmações e de negações. Desta forma, quando o indivíduo assume ser racional, por exemplo, nega um conjunto de simbólicos de ser compreendido como não racional. Trata-se de um jogo simbólico de diferenciações.

Porém tanto a identidade quanto a ideia de diferença são relações sociais, de modo que suas definições discursivas estão sujeitas a vetores de força submetidos a relações de poder. Não são meras definições, e sim imposições. Segundo Silva (2000, p. 81), “a identidade e a diferença não são, nunca, inocentes”. Logo, deduzimos desta leitura que onde há diferenciação, há a manifestação do poder. Ainda, o autor salienta que há uma série de processos que traduz esta diferenciação; são exemplos (a) a inclusão e a exclusão de quem é pertencente ou não a determinado meio por meio dos processos de caracterizar, representar, marcar, simbolizar ou estabelecer a sua relação e (b) a demarcação de “fronteiras”, fator determinante para definir e separar “nós” de “eles” por meio de classificação e de normatização.

Destarte, a diferença é responsável por (re)construir e/ou (re)produzir a “natureza”, a fim de definir quem é o “outro”, o que o torna identificável, (in)visível e previsível. Produzindo a divisão, a separação, a classificação e a normatização, esta diferenciação resulta na hierarquização que fixa uma determinada identidade como normativa, porque esta passa a carregar todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só poderão ser avaliadas de formas negativas, assim afirma Silva (2000).

A diferenciação é a componente-chave de qualquer sistema de classificação que vise definir quem é a “identidade” e quem é a “diferença”. Para Cuche (2002, p. 1870),



“a imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais.”. Logo, podemos ver que a negatividade da diferença se faz de mecanismos para afirmar a positividade e a normalidade da identidade.

Assim, podemos afirmar que a identidade cultural não é “natural”, tampouco inerente ao indivíduo, preexiste a ele. Do mesmo modo como a própria cultura se transforma, a identidade cultural do indivíduo não é estática e imutável, mas fluida – isto é, em constante movimento e, portanto, em transformação –, não podendo ser compreendida como uma imposição inocente e tampouco como uma mera apropriação. Devemos observar a identidade cultural como uma construção social, manipulada e política.

O ambiente contemporâneo de integração econômica, com a grande difusão das informações possibilitadas pela globalização e pelo avanço tecnológico, também coloca as identidades culturais em constante trânsito, o que provoca um grande fluxo de valores, costumes, ideias e estilos nas particularidades de cada sociedade, de cada comunidade ou de cada grupo.

Estas mudanças tecnológicas, segundo Silva (2001), levam-nos a “viajar a longas distâncias sem sair do lugar”, resultando em um trânsito cultural e identitário que torna possível uma universalização da cultura e das identidades. No entanto, pode-se observar um novo interesse pelo “local”. Neste sentido, Bauman (1999) afirma que “junto com a dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informações, é colocado em movimento um processo localizador, de fixação no espaço”.

Se anteriormente, na modernidade, era possível observar a identidade do sujeito por meio dos elementos, dos símbolos e das práticas comuns que o posicionavam dentro de determinado espaço-tempo, os quais definiam e cristalizavam as identidades e os papéis sociais comuns a quase todos os sujeitos, não temos mais, no atual contexto, essa possibilidade, ao menos não da mesma maneira.

A identidade do indivíduo da pós-modernidade é muito mais plural e mais inconstante em relação à identidade do indivíduo da modernidade. Por exemplo, pensar na mulher da sociedade moderna remetia-nos a uma visão singular, homogênea, mais centrada; já ao pensarmos na mulher da sociedade pós-moderna, a heterogeneidade toma o lugar da homogeneidade, visto que não há um único tipo, um único papel social ou um único lugar que a defina. Por fim, só é possível compreender a identidade a partir de suas

relações dialéticas entre as questões objetivas e subjetivas que perpassam uma disputa diária e permanente de narrativas, o que leva à uma identidade plural e performática.

## **2.1. A identidade racial no Brasil**

Como vimos acima, falar de identidade na contemporaneidade não é tarefa fácil. Aqui, faremos uma busca na fundamentação teórica acerca da construção da identidade racial. Partiremos da ideia de uma categoria que pode ser definida como um grupo, definição esta que pode ser realizada por membros do próprio grupo, partindo de características ligadas a elementos de sua cultura, como, por exemplo, a língua, a religião, os sistemas políticos, a visão de mundo, a sua história interna ou até os seus traços, que, segundo Munanga (2012, p. 9), são “entendidos como mais significativos do que outros e que os diferenciam de demais grupos ou comunidades, religião, nações, etnias”. Referente à última citação, desta forma, o autor compreende a identidade como uma categoria de autodefinição ou de autoatribuição carregada de uma carga de subjetividade e de preconceitos em relação aos demais grupos.

Falar de identidade racial leva-nos ao embate teórico sobre a pertinência do uso do conceito de raça/etnia. Superada a concepção científica de raça biológica, o embate passa para a discussão de sua transmutação em raça social entre os que defendem o uso do conceito de etnia estando articulado com perspectivas histórico-político-sociais pautadas na concepção de território. Estes conceitos são utilizados para fundamentar a ideia de afrodescendência como conjunto de referências sócio-históricas e culturais ligadas às matrizes africanas (GONÇALVES, 2000).

Para compreender a formação da identidade racial no Brasil faz-se necessário lançar um olhar sobre as políticas públicas, o que nos dá um panorama institucional das relações étnico/raciais dentro do processo histórico de nosso país; porém, aqui, daremos enfoque ao tocante à população preta/afro-brasileira e à visão racista direcionada à esta parcela da população.

Podemos afirmar que, no Brasil, o racismo está institucionalizado e estruturado, visto que esta visão discriminatória é presente em todas as esferas sociais e permeável à toda sociedade, produzindo uma ideia de inferioridade das pessoas não brancas frente às de cor de pele branca, prática que, por mais que não seja declarada, é sutil e visível em nosso cotidiano.

A compreensão do racismo é uma prática ideológica que passa pela ideia da superioridade de um grupo sobre o outro, partindo de suas características físicas e socioculturais.

Arelado aos conceitos de raça, etnia e racismo encontra-se o preconceito racial. Por sua vez, a discriminação e a segregação racial são ambas expressões do racismo que correspondem a diferentes graus de violência. Porém o preconceito é a forma mais corriqueira, porque traz uma ideia cristalizada e estereotipada de características individuais ou grupais carregada de valores negativos. É comum, no cotidiano escolar, por exemplo, crianças negras serem inferiorizadas por profissionais e por outras crianças; é o caso de um profissional escolar ou um colega que ignora uma criança negra ou, ainda, se distancia dela. Por estas práticas seres estruturais, muitos profissionais negam que se trate de práticas racistas.

Outro elemento é a mestiçagem como conceito, realidade presente nas relações étnicas no Brasil. Vista como processo de embranquecimento, é historicamente usada como mecanismo contra a construção de uma identidade negra brasileira. Com muita força ao fim do séc. XIX e meados do XX, entra a mestiçagem como pensamento ideológico brasileiro, que tinha por objetivo a continuação de uma sociedade monoétnica e monocultural, provocando a discussão de que até que ponto as identidades e as culturas mantêm seus respectivos elementos de origem ou de que até onde estes elementos são identificados como pertencentes a tais grupos. Hall (2003, p. 342-6), ao evidenciar as identidades e mediações culturais da diáspora negra, chama atenção para o caráter de contraposição centrado numa essencialidade destes elementos que, segundo o autor, descontextualizam, porque

des-historiciza[m] a diferença, confunde[m] o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir (Hall, 2003).

Assim, mais do que a essência de origem, estão no centro da discussão as políticas culturais que se encontram no entorno das práticas vivenciadas nesse campo de discussão e as redes que estabelecem as possíveis negociações e os jogos ideológicos que visam inferiorizar alguns e supervalorizar outros a partir dos mais variados dispositivos histórico-culturais. Fato é que grande parcela de nossa sociedade tem heranças étnicas de

origem africana. Portanto, faz-se necessário problematizar quais elementos são utilizados como produtores de desigualdades concretas e como estas se constituem. É preciso ler a realidade para poder a desconstruir.

Nossa história conta com grandes lutas contra a desigualdade na busca de uma diáspora negra. Nos anos 70, o movimento negro tem em Abdias do Nascimento uma voz discordante das ideias de monoetnicidade e monoculturalismo, ambos pautados na ideia de mestiçagem étnica e sincretismo cultural. A postura militante de Nascimento, assim como parte da militância negra da época, era a construção de uma democracia plurirracial e pluriétnica em que mulatos se solidarizassem com negros. Estas vozes afirmavam que, embora tidas como ponte étnica entre negros e brancos, a garantia e a hegemonia da raça branca, o mulato não tinha *status* social diferente do negro (MUNANGA, 1999, p. 93).

No brasileiro, as etnias negras são marcadas por suas raízes históricas, socioculturais e políticas, que marcam a formação de nossa população no contexto do escravismo e das relações estabelecidas nas ancestralidades. Logo, podemos compreender o conceito de raça como uma forma de classificação social baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais.

Encontramos inúmeras produções que buscam auxiliar a nós na compreensão de etnia e de afrodescendência; assim, construindo o entendimento de uma perspectiva para pensarmos a questão das identidades negras no Brasil.

Segundo Munanga (1999), ao longo das relações históricas, a população negra apresenta uma existência plural e complexa, o que não demonstra uma cultura ou identidade unitária ou monolítica.

O Brasil pós-abolição propunha uma construção de uma unidade nacional em que o negro não cabia, mas os imigrantes europeus enquadravam-se nos valores nacionais propostos pela elite da época (MUNANGA, 1999). Logo, inúmeras ações são adotadas pelo Estado brasileiro, a fim de garantir o projeto de branqueamento da nossa população – isto é, houve estratégias de cerceamento das práticas culturais desses grupos étnicos, tais como a perseguição ao candomblé e à capoeira e a aplicação de diversos mecanismos de invisibilização e de imobilização da população negra. Assim,

os movimentos étnicos, inclusive dos negros, deveriam sucumbir. A construção da identidade nacional apaga as especificidades das raças. [...] O mito da democracia racial servia para encobrir os conflitos interétnicos e fazia com que todos se sentissem nacionais (AMADO, 1995, p. 38, *apud* MENDES PEREIRA, 1999, p. 17).

Como podemos constatar, atualmente, temos cada vez mais um país miscigenado, repleto de expressividade populacional negra, o que demonstra o fracasso das elites pós-abolicionistas brasileiras. Entretanto, não construímos uma democracia social nem racial, visto que a mestiçagem não produziu igualdade entre as etnias, o que traz à tona que o mito de democracia racial não passa de uma ideologia produzida pelas elites hegemônicas se sobrepondo à maioria negra, o que certamente é um entrave na superação das desigualdades.

Compreendemos, aqui, que as identidades relacionadas não só ao conhecimento, mas também ao reconhecimento social podem caracterizar estas identidades como elementos políticos e históricos que se constituem tão só por seu passado de escravidão e, nos dias de hoje, por elementos de base africanas, identidades que devem ser compreendidas por suas vivências medidas pelas condições sócio-políticas responsáveis por manter a maioria dessa população entre os pobres, os miseráveis e os excluídos de todas as formas pelo Estado brasileiro. Este cenário aponta a um campo de relações étnicas nacionais; mais especificamente, à uma política de não representatividade da população negra, o que produz uma identidade não manifestada. Como demonstra Cunha Jr. (1998, p. 52),

As restrições sociais e de representação de que somos alvo dão um contorno de identidade ao grupo social. [...] O racismo brasileiro utiliza o critério étnico para definir as possibilidades de representação dos afrodescendentes na sociedade. Cria as ideologias capazes de produzir as exclusões, as participações minoritárias. Produz o material de sua justificativa, legitimação e manutenção. Combina as formas ideológicas com as outras violências num processo de dominação, em que classe, etnia e gênero definem as possibilidades dos grupos sociais afrodescendentes nas estruturas de classes sociais.

Para a compreensão das identidades negras, é necessário um olhar para além das problemáticas de existência ou da inexistência de uma ou várias identidades; é necessário ater-se a seu significado político e observar sua historicidade e suas respectivas afinidades culturais e multiplicidades identitárias, mantendo uma leitura da identidade na suas múltiplas dimensões e possíveis configurações, abordando o campo discursivo.

Para Castells (2001, p.22), identidade é “o processo de construção de significados com base em um atributo cultural ou, ainda, em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados no qual prevalece sobre outras fontes de significados”. Assim, para o autor, pode-se afirmar que as identidades são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas, sendo

que o mesmo sujeito pode apresentar múltiplas identidades construídas de forma processual e contínua.

Neste sentido de identidades que se formam e se conformam em detrimento às relações de poder, Castells (2001) aponta a três possibilidades identitárias: as identidades legitimadoras, impostas pelas instituições hegemônicas que têm por objetivo legitimar a dominação; as identidades de resistência, presentes no enfrentamento da dominação; e as identidades de projetos, forjadas na luta coletiva no seio da cultura política.

Como afirma Hall (2003), as identidades apresentam um caráter sócio-histórico-cultural e político, sendo a sua construção inscrita em relações de poder, de interações materiais e simbólicas que só podem ser pensadas dentro do campo de tensão contínuo e processual.

Podemos afirmar que a desmistificação do discurso de democracia racial e da ideologia de branqueamento apresentou avanços relevantes no campo político, resultando não apenas em uma melhor compreensão das identidades negras e em uma maior articulação da luta por políticas de redução das desigualdades para a população não branca, mas também em avanços nas políticas de ações afirmativas na disputa da temáticas relacionadas ao estudo de história e cultura de origem africana nos currículos escolares, nas cotas no funcionalismo público federal e além. Logo, temos uma identidade em constate transformação.

## **2.2. Identidade travesti**

A transexualidade tem atraído a curiosidade e o interesse da sociedade como um todo. Pessoas transgênicas têm ganhado espaço na mídia, expondo abertamente fatos sobre as suas vidas e sobre o processo de transformação corporal.

Falar em sexualidade desperta e sempre despertou curiosidade e dúvidas na sociedade de modo geral – por exemplo, a forma de se relacionar, o que atrai o quê, qual o motivador do desejo etc. Porém, por mais longínqua que seja esta discussão, ainda hoje é considerado como tabu para alguns. Mas é preciso que se abra esta discussão, que se fale de sexo, de gênero e de orientação sexual. Isto, além de possibilitar debates, provoca a desmitificação de preconceitos e paradigmas e serve como orientação.

Faz-se necessário também observar a diferença entre os três básicos conceitos citados. Para Oakely (1972), *sexo* nada mais é que um termo biológico utilizado para

designar o que é homem ou mulher; assim, a compreensão de sexo está diretamente ligada às características físicas – à genitália, às gônadas, aos hormônios e aos cromossomos.

Segundo Louro (1998, 2000), Oliveira (1998) e Scott (1988), o conceito de gênero e sexo é determinado enquanto papéis que exercem socialmente. Certamente o conceito de gênero nos traz uma visão mais ampla ao compararmos com o uso do termo *sexo*, buscando a compreensão das identidades, dos papéis sociais e das expressões das mais diversas conceitualmente, a fim de deixar clara a distinção da ordem social existente entre mulheres e homens ou do “feminino” e “masculino”. A partir dos anos 70, após esta temática ser adotada pelos movimentos feministas e pelas produções acadêmicas, até aquela década as produções apresentavam tendências de subalternizar as mulheres (SCOTT, 1995), presente no debate igualdade *versus* diferença.

O conceito de gênero não visa unicamente as diferenças físicas/biológicas, mas leva à percepção de aspectos psicológicos e culturais. Oakley (1972) define *gênero* como um termo muito mais psicológico e cultural do que biológico. Os termos para designar sexo são *macho* e *fêmea*, conquanto os termos correspondentes para gênero são *masculino* e *feminino* – ou seja, estes últimos não têm ligação direta com o sexo biológico. Portanto, compreende-se por *gênero* os traços de masculinidade e feminilidade encontrados em uma pessoa, que se expressam nos gostos, na forma de falar, de se vestir; são traços socialmente construídos. Por exemplo, ao interagirmos com alguém por meio do gênero masculino ou do gênero feminino, não precisamos necessariamente *ver* se o indivíduo a quem nos dirigimos possui um pênis, uma vagina ou mesmo seios, porque é seu comportamento social que nos permite reconhecermos o gênero mais adequado para uma abordagem. Logo, o gênero é perceptível na maior parte do tempo, diferente do sexo.

Gênero, aplicado ao feminismo, possibilitou avançar na desconstrução da crença do modelo universal de mulher ou de homem, centrando a leitura da construção histórica social: igualdade *versus* diferenças, natural *versus* cultura, reconhecendo estes como categorias vazias.

A busca da compreensão da orientação sexual proporcionou estudos para além da visão biológica, apresentando questões em que os gêneros masculino e feminino não estão vinculados necessariamente ao sexo. A partir desta leitura, surge a formulação do conceito de orientação sexual, que, segundo Cardoso (2008), abrange um conceito pessoal, social e legal, sendo uma identidade que se atribui a alguém em função da direção de sua conduta ou de sua atração sexual (pelo mesmo sexo, denomina-se de orientação homossexual; pelo sexo oposto, denomina-se heterossexual; e, no caso dos dois sexos, de

bissexual). Destarte, a orientação sexual é direcionada no sentido do desejo sexual do indivíduo.

Vê-se, assim, que os conceitos apresentados acima estão diretamente correlacionados a cada aspecto da sexualidade. Porém, aqui, daremos nosso enfoque na identidade de gênero.

Para adentrarmos no universo trans faz-se necessário as compreensões de gênero, de orientação sexual, de identidade sexual e de cisgênero abordadas acima, devendo ser reforçadas para que se possa fazer uma leitura mais abrangente dos termos e de como se manifesta a identidade trans, partindo da multiplicidade do vivenciar a própria sexualidade humana. Cisgênero, ou “cis”, é a pessoa que se identifica com o gênero atribuído ao nascer. Denomina-se não cisgênero aquela que não se identifica com o gênero de nascitura.

Segundo TAJFEL & TURNER, 1979: o conceito de identidade de gênero pode ser compreendido como atitude individual mediante a construção social de gênero, como os corpos são percebidos e se percebem como integrantes de determinados grupos sociais determinados por concepções correntes sobre gênero, identificando-se com crenças, valores sociais, sentimentos ao ponto de se comprometerem subjetivamente com o grupo com o qual se identifica.

Como nos apresenta Hall (2003), a identidade apresenta-se de maneira performática, inserida em uma disputa de narrativas entre questões individuais, valores e regras normatizantes e coletivas travadas diariamente, resultantes das mais plurais identidades. Assim, com as descrições feitas acima, podemos analisar a identidade das pessoas trans.

Segundo Jesus (2012), a transexualidade é uma questão identitária, diferente de algumas de afirmação já superadas da biomedicina, que, antes, a classificava como doença mental debilitante. A transexualidade está distante do conceito de orientação sexual, como erroneamente se pensa, é tampouco uma escolha. Assim como as demais pessoas, as trans podem ser bissexuais, heterossexuais ou homossexuais, variando do gênero que se identifica e adota com relação ao qual se sente atraída afetivamente e sexualmente.

A denominação transgênero é utilizada para incluir todos os indivíduos que questionam, por meio da própria existência, a validade do seu princípio de sexo/gênero. Não trata-se necessariamente de um indivíduo que esteja a fim da cirurgia de redesignação sexual. Segundo Petry e Meyer (2011), partindo de uma visão biomédica, transexuais são



indivíduos que se consideram “afetados” por um transtorno envolvendo a sua identidade de gênero, assim não se reconhecendo no corpo que possuem. As inovações no campo da medicina do séc. XX permitiram que pessoas trans adquirissem fisiologias idênticas às de pessoas cisgêneras.

Para as pessoas que, segundo a biomedicina, apresentam grave disforia de gênero (caracterizada pelo desconforto persistente com marcas sexuais ou de gênero que remetam ao gênero atribuído ao nascer), não conseguindo conviver com a genitália de nascimento, a cirurgia de trangenitalização assume um caráter de necessidade, se assim a pessoa desejar. Trazendo a questão para um paradoxo contemporâneo: o mesmo processo que rompe com representações seculares de “corpo dito natural” submete-se à restauração da normalidade.

No que concerne à disforia, há pessoas trans que se contentam em retirar ou colocar mamas, em fazer uso de hormônios para ter pelos ou não ou em provocar modificação no corpo, mas querem conviver com suas genitálias, ainda que muitas das vezes não sintam prazer com elas.

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece o procedimento de redesignação gratuitamente, porém os indivíduos passam por um processo de enquadramento em dois critérios: apresentar orientação sexual homossexual e apresentar aversão aos próprios genitais. Somente após anos de contestação de psiquiatras e psicólogos é que se pode entrar na lista de espera, processo que, segundo relatos, leva em média de seis a oito anos. Ao passo que é um avanço o SUS ofertar o procedimento, ele submete o indivíduo à necessidade de provar sua identidade, considerando a compreensão de si do indivíduo não suficiente.

### **2.2.1. Trsfeminismo: reflexões na busca de sua construção e pautas indenitárias**

Podemos observar duas dimensões presentes no feminismo: a teoria da análise crítica da mulher no mundo – que, de maneira crítica, lê os papéis impostos histórico-socialmente às mulheres, o modelo de organização imposto a elas, resultante na subalternização do corpo feminino (SILVA & CAMURÇA, 2010).

Para falar do corpo feminino é preciso realizar alguns recortes, tais como os de classe, de raça, de idade, de expressão, e também analisar como estes corpos são lidos e como se apresentam frente às opressões e aos(as) opressores(as). Decerto que vivemos em uma sociedade machista e cissexista que se constrói sobre esta lógica, mas o corpo

feminino é lido de diferentes formas, o que se faz necessário o repensar dos movimentos feministas a partir da interseccionalidade. Logo, por mais que o feminismo seja capaz de unificar a luta anticissexista, ele só consegue dialogar com todos os corpos femininos após a compreensão de que há especificidades dentre os múltiplos femininos.

Somente na terceira geração de feministas no Brasil é que a discussão da interseccionalidade ganha folego, trago pela mana preta, a discussão que só é possível ler esta sociedade lendo: o feminino, a raça e a classe. Com o fortalecimento do feminismo negro no Brasil, abrem-se verdadeiramente as portas para a interseccionalidade de gênero e passa-se, assim, a reivindicar na sequência as manas lésbicas, travestis/trans, tão logo propomos esta linha de raciocínio a nossa leitura.

Em linhas gerais, não há uma corrente teórica única do pensamento feminista. Ao falarmos de “feminismos”, é preciso compreender que estamos tratando de pensamentos heterogêneos que procuram compreender – e logo combater – por que e como as mulheres ocupam posição ou condição subordinada na sociedade.

O movimento feminista vem apresentando novas ideias e comportamentos, em especial em função das fortes críticas do feminismo negro (COLLINS, 1990; DUCILLE, 1994). A ideia de quem são as mulheres amplia-se, mostrando que a mulher branca não pode ser lida como universal, logo abastada, casada com filhos, levando ao olhar a humanidade e a feminilidade de mulheres outrora invisíveis: negras, indígenas, pobres, idosas, com necessidades especiais, lésbicas, solteiras, bissexuais, e mesmo as transexuais/travestis. O feminismo passa a ser pauta política da população trans/travesti cada vez mais ativa.

No bojo desta discussão de que o feminino se fala, surge o transfeminismo, certamente ainda em construção. Para Koyama (2001), trata-se de um movimento protagonizado por mulheres transexuais, “tanto como uma filosofia quanto na práxis acerca das identidades transgêneros que visa a transformação dos feminismos” (JESUS 2010, p.14).

Um dos principais campos deste debate certamente encontra-se na internet, não restrito apenas a espaços virtuais frequentados por pessoas transgêneras/travesti e/ou criado para elas. Entre estes espaços, podemos citar o blog *Transfeminismo*, a comunidade *Transfeminismo* no Facebook e no site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA).

O texto *Ensaio de Construção do Pensamento Transfeminista* de Aline de Freitas, publicado em 2005, decerto é percussor nas vias do pensamento sistematizado transfeminista. Segundo a autora,

Nosso papel histórico deve ser construído por nós mesmxs. O transfeminismo é a exigência ao direito universal pela auto-determinação, pela auto-definição, pela auto-identidade, pela livre orientação sexual e pela livre expressão de gênero. Não precisamos de autorizações ou concessões para sermos mulheres ou homens. Não precisamos de aprovações em assembleias para sermos feministas. O transfeminismo é a auto-expressão de homens e mulheres trans e cissexuais. O transfeminismo é a auto-expressão das pessoas andrógenas em seu legítimo direito de não serem nem homens nem mulheres. Propõe o fim da mutilação genital das pessoas intersexuais e luta pela autonomia corporal de todos os seres humanos. O transfeminismo é para todxs que acreditam e lutam por uma sociedade onde caibam todos os gêneros e todos os sexos (FREITAS, 2005).

Assim como as outras frentes feministas, o tranfeminismo não pode ser lido como único, tampouco heterogêneo e/ou de forma genérica, porém há ao menos quatro princípios que nos permitem compreender as linhas de pensamento que não podem ser considerados transfeministas: (a) redefinição da equiparação entre gênero e biologia; (b) reiteração do caráter interacional das opressões; (c) reconhecimento da história de lutas das travestis e das mulheres transexuais e das experiências pessoais da população transgênero de forma geral como elementos fundamentais para o entendimento do feminismo; e (d) validação das contribuições de quaisquer indivíduos, sejam elas transgêneros ou cisgêneros, o que leva ao fato de que, por sua constituição, o transfeminismo pode ser útil para qualquer pessoa que não se enquadra no modelo sexista de sociedade que vivemos, e não apenas aos transgêneros.

O transfeminismo reconhece a interseção entre as variadas identidades e identificações dos sujeitos e o caráter de opressão sobre corpos que não estejam conforme os ideais racistas e sexistas da sociedade, de modo que busca empoderar os corpos das pessoas como eles são (incluindo as trans), idealizados ou não, deficientes ou não, independentemente de intervenções de qualquer natureza; ele também busca empoderar todas as expressões sexuais das pessoas transgêneros, sejam elas assexuais, bissexuais, heterossexuais, homossexuais ou com qualquer outra identidade sexual possível (JESUS & ALVES, 2010).

O segundo princípio (reiteração do caráter interacional das opressões) refere-se às experiências das pessoas trans/travestis. Podemos afirmar que os quatro princípios certamente tratam-se de herança do feminismo negro. Collins (1990) defendeu que as opressões apresentam natureza simultaneamente operacionais e interligadas; logo, preconceitos e discriminações de gênero dialogam com os de raça, de orientação sexual, de idade, dentre outros.

Está na ordem do dia a pauta política transfeminista, que dialoga diretamente com os princípios teóricos supracitados: combate à violência cissexista/transfóbica. Vide:

Cissexista [é um] termo utilizado para definir como uma ideologia que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero (JESUS, 2012a, p. 28).

Pautas que, por mais que se aproximem do movimento feminista de conjunto, apresentam especificidades muito singulares. A ANTRA traz em suas pautas, enquanto organização que reivindica o transfeminismo, os seguintes itens:

- Combate à todas formas de opressões em todos os seus aspectos: simbólicos, psicológicos, verbais, físicos e institucionais;
- Direitos reprodutivos para todas/os (apoiar o direito dos homens transexuais à gestação e ao aborto seguros e enfrentar a esterilização forçada de mulheres transexuais);
- Desconstrução das identidades binárias (respeitar as pessoas transgêneros ou cisgêneros, que se enquadram no binarismo homem x mulher, sem excluir aquelas que não se enquadram neste modelo);
- Corpo-positividade e/ou empoderamento (valorização dos corpos trans e desestigmatização);
- Livre sexualidade (estimular as pessoas transgênero a se sentirem confortáveis com a sua sexualidade, qualquer que seja);
- Terminologia (evitar termos que essencializem ou invisibilizem as identidades trans).

O transfeminismo encontra-se em constante transformação e em permanente construção no Brasil, diferentemente de outras frentes feministas que já apresentam seus acúmulos históricos, que se pese as múltiplas divergências. Porém, seria um erro dizer que se trata apenas de linhas de pensamentos meramente importados, como um

conhecimento pré-elaborado, mas que se apresenta a partir de elaboração e acúmulos do feminismo, porém de forma ressignificada e adaptada às vozes e às realidades peculiares às existências dos corpos de travestis e de mulheres trans.

Podemos observar que o transfeminismo, dentro de seu momento histórico no Brasil como um dos feminismos de terceira geração, ou terceira onda, traz em sua essência a problematização da visão estática do sexismo sendo prática opressora unilateral, reconhecendo as múltiplas expressões do sexismo, sendo na visão dos(as) opressores(as) quanto dos(as) oprimidas(os) nas instituições e nos movimentos sociais.

A relação do transfeminismo com os movimentos sociais trans não é direta, senão como denúncia da maneira histórica com que pessoas trans são tratadas até mesmo por militantes e por aliados da luta pela inclusão da população transgênero na sociedade brasileira – isto é, são vistas de uma forma estereotipada, que desloca os olhares de suas complexas histórias de vida.

Mulheres transexuais, travestis e outras pessoas transgêneras tendem a ser consideradas apenas em função da sua identificação de gênero como trans, desconsiderando-as como seres humanos com gênero, orientação sexual, cor/raça, idade, origem geográfica, deficiências etc.

Neste sentido, são enormes os desafios das(os) autoras(es) transfeministas que vêm surgindo: escrever para os movimentos sociais, para as instituições, para os demais feminismos e para os formadores de opinião; e, além disso, delimitar o próprio campo, em busca não de respostas prontas, mas de olhares lúcidos que se permitam transformar-se e ler corpos de vivências muito particulares.

### **2.3. A escola e a construção da identidade**

Stuart Hall, no texto *Quem precisa de identidade?*, levanta questionamentos acerca do conceito de identidade, provocando inúmeras críticas ao campo acadêmico, tendo em vista que a ideia de identidade como unidade unificada, originária e integral foi se desfazendo ao longo da segunda metade do séc. XX.

Segundo o autor, não é possível encontrar nos sujeitos uma identidade única e imutável, uma vez que as identidades se apresentam de maneira performática, se transformam, passando por processos de construção e de desconstrução permanentes. Logo, identidade é um conceito que leva a uma reflexão sobre seu significado, porque

não há como substituí-lo por outro conceito capaz de definir os diferentes sujeitos e como estes se compreendem e são compreendidos em determinada cultura.

As identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma hierarquização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108).

A identidade institui a diferença, porque ela é o ponto de partida, é o referencial para que se aponte à diferença entre os sujeitos. Portanto, ao discutirmos identidade, temos que tratar da diferença que existe e distingue culturalmente os indivíduos.

Nas palavras de Hall, as “identidades podem funcionar, ao longo da história, como pontos de identificação e apego apenas *por causa* de sua capacidade para excluir, para transformar o diferente em ‘exterior’, em abjeto” (2000, p. 110). Os sujeitos são, assim, obrigados a assumir posições sociais que são uma representação da identidade destes na articulação com os outros sujeitos. É a forma de identificação, seja no discurso, seja na prática social, o que interpõe os sujeitos como agentes sociais em diferentes posições e relações de poder, como podemos ver em sala de aula, em que os papéis sociais adotados pelo estudante visam sua aceitação ou não, conseqüentemente, passam a adotar certos “comportamentos” de dado grupo. É certo que estas escolhas não são definitivas. “A turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, ‘trocam ideias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘eu’ e um ‘nós’ distintivos” (DAYRELLI, 2007, p. 4).

O pensamento de Hall coincide com as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais proporcionadas pela globalização no final do séc. XX e início do séc. XXI, o que o possibilitou a ver a emergência de novos sujeitos e de novas identidades que iam contra as identidades instituídas e, com isso, questionavam as relações de poder que as sustentavam. Em outras palavras, ele foi sensível às transformações socioculturais, o que o permitiu teorizar a respeito destas mudanças. A juventude certamente não está alheia a estas relações externas a si, como expõem Hall, mas Dayrell nos ajuda a compreender como a juventude vê e se coloca à frente das relações políticas, econômicas, sociais e espaciais:

Os jovens atribuem ao lugar onde vivem. Para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da

violência, ambos reais. Muito menos aparece apenas como o espaço funcional de residência, mas surge como um lugar de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos (2007, pg. 10).

Para Stuart Hall, o intelectual tem o papel de trazer à luz a discussão teórica sobre a sociedade e os sujeitos que a compõem, porque considera que é a teoria que pode influenciar e transformar os atores e a política:

Teorizar significa responder a enigmas e lidar com os impactos de novos movimentos sociais. O trabalho teórico é um corpo-a-corpo com outros teóricos, sua autoridade e seus discípulos, sua história e mudanças de rumo. É um jogo agonístico, mas não é uma mera brincadeira, pois é fundamentalmente útil na busca de respostas a questões complexas que grupos e sociedades enfrentam. Pois [...] as teorias são caixas de ferramentas a serem usadas em seu benefício (2003, p. 13).

O debate sobre identidade é pensar sobre os sujeitos e as suas práticas discursivas no interior da política e da sociedade. Assim, entendermos a escola como um espaço fundamental para estas discussões. E entendemos que os estudos nos levam a tentar compreender os seguintes itens: que escola é essa, para quem e como ela é feita e se apresenta. Isto, inevitavelmente, levanta algumas preposições: (a) será que as discussões em Sociologia fazem algum sentido para os(as) alunos(as)?; (b) será que eles(as) conseguem usar deste saber que lhes é apresentado?; e (c) o que de fato eles(as) gostariam de apreender?

Como é sabido, o currículo é uma manifestação de poder. Logo, nós, educandos e professores, por vezes utilizamo-nos deste poder às cegas e, por conseguinte, reproduzimos e validamos a visão de mundo vigente.

Relatarei, neste momento, uma situação que vivenciei ao longo de anos no exercício do magistério.

Mesmo após inúmeros questionamentos, sempre deparava-me exercendo um papel opressor, ora por medo de perder o controle, ora por cobrança de gestão. Até que resolvi abrir meu plano de curso para uma discussão com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Discutimos o que a lei (currículo oficial) nos obrigava a cumprir, o que eles gostariam de incluir em nossas discussões em aula e quais seriam nossa metodologia de avaliações. Incorporamos temas que eu nunca sequer havia sonhado que meus alunos tivessem interesse. Alguns dos temas sugeridos foram: ateísmos, aborto, fundamentalismo religioso e funcionamento dos partidos políticos. Assim, vivenciei, em

meu cotidiano, o que diz Dayrell: “No caso específico da escola, esse processo de mutação não elimina, mas transforma a natureza da dominação no cotidiano da instituição escolar, pois obriga os indivíduos a se construírem livremente nas categorias da experiência social que lhes são impostas” (2007, pg. 11).

Para Hall, os sujeitos não são “corpos dóceis” dominados pelo discurso. O discurso influencia os sujeitos. Contudo, estes não são indivíduos passivos e sempre controláveis. Assim, as identidades são produzidas no jogo entre o discurso imposto e o discurso produzido pelos sujeitos. Em nossa sociedade, os docentes reproduzem comportamentos e visões disseminadas na sociedade, como as seguintes: “que a juventude não quer saber de nada”, “é uma geração passiva e desinteressada de tudo” e “é a geração NNN (não estuda, não trabalha e não quer nada)”.

Cito, então, outra experiência que tive a oportunidade de vivenciar.

Certa vez, quando uma professora de língua portuguesa soube, a partir dos alunos, que trabalhávamos letras de Rap e poesias em minhas aulas de Sociologia, ela propôs tentarmos realizar um sarau literário na escola. Levamos a proposta para os alunos, que acabaram por modificar a ideia primeira de sarau literário para uma batalha de rimas. E assim foi feito. Para o espanto geral, os estudantes que mais se destacaram foram os ditos “alunos-problemas”. Como Dayrell diz, “além do mais, predomina uma representação negativa e preconceituosa em relação aos jovens, reflexo das representações correntes sobre a idade e os atores juvenis na sociedade” (2007, pg. 13).

Hall, ao teorizar sobre a identidade, chama atenção para um conceito que ainda não pode ser superado, por isso atua sob rasura, por não possibilitar uma explicação “total” sobre o sujeito. Porém, é a teorização deste conceito que permite e ressalta sua importância política no discurso dos diferentes sujeitos, por demonstrar que é a partir da ideia de identidade que se constituem as diferenças. Portanto, vive-se numa sociedade em que todos são diferentes. As diferenças evidenciam a importância política de que todos os sujeitos podem ocupar os mesmos espaços. Assim, segundo Hall,

a questão da teorização da identidade é um tema de considerável importância política, que só poderá avançar quando tanto a necessidade quanto a “impossibilidade” da identidade, bem como a saturação do psíquico e do discurso em sua constituição, forem plena e inequivocamente reconhecidos (HALL, 2000, p. 130).



Reflitamos, pois, sobre a construção da identidade da juventude; em especial a da juventude periférica, que enfrenta a dura realidade nacional de um ensino precário que é incapaz de lhe ajudar a construir saídas para a vida social que lhe apresenta, que exerce trabalhos precários e que possui péssimas condições de vida e baixa participação no “consumo”. Como será que este jovem olha para a sua futura vida adulta? Assim diz Dayrell: “Para a grande maioria desses jovens, a transição aparece como um labirinto, obrigando a uma busca constante de articular os princípios de realidade (que posso fazer?), do dever (que devo fazer?) e do querer (que quero fazer?), colocando-os diante de encruzilhadas onde jogam a vida e o futuro” (2007, pg. 4).

No mundo contemporâneo, em que a globalização é uma realidade que impõe desafios cotidianamente aos indivíduos, discutir como as identidades existem é uma necessidade latente a fim de quebrar os velhos paradigmas que constituíam o meio acadêmico.

Afinal, novos paradigmas emergem da transformação do discurso no qual os sujeitos estão inseridos juntamente com novos discursos que dão voz aos sujeitos até então excluídos.

Assim, o espaço escolar pode servir para que jovens das mais diferentes realidades possam construir livremente suas narrativas e experiências performáticas. Para que este caminho possa ser pavimentado faz-se necessário (a) que o currículo esteja ligado às questões reais e locais vivenciadas pelos educandos, além de prever uma maior flexibilidade em sua aplicação; (b) que os materiais paradidáticos apresente uma linguagem mais próxima da dos alunos, com exemplos reais, sem que se perca o rigor teórico; e (c) que os profissionais da educação tenham formação que subsidie a compreensão das múltiplas construções identitárias que coexistem na sociedade global.

Posta esta atmosfera de grande complexidade, em que há clara relação dialética nos mecanismos de produção de narrativa, Freire (1987) faz com que reflitamos sobre a relação opressor-oprimido. Existe uma estrutura que sustenta tal contexto, sendo que esta consolida e mantém a realidade dominante. Independentemente de quem seja o opressor e quem seja o oprimido, tão logo o oprimido vive buscando melhoras em sua vida; tendo êxito, passa de oprimido a opressor. Logo, um indivíduo pode ser opressor ou oprimido, dependendo do ambiente e das relações sociais, da política e da política econômica que atuam sobre ele. Um exemplo é um operário comum, em que, em seu trabalho, pode atuar como oprimido, ao passo que, em seu lar, exercendo ali o papel de pai e de marido, pode atuar como opressor na relação com sua mulher e filhos(as). A mesma analogia se aplica

ao ambiente escolar: o quanto ali se reproduz as práticas racistas, homofônicas, classistas e as mais variadas formas de opressões presentes no seio de nossa sociedade. Por mais que compreender este cenário não seja tarefa fácil, cabe à instituição escolar, no mínimo, produzir reflexões sobre a realidade.

### 3. O LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Aqui, pretendemos apresentar a metodologia que será adotada para a análise dos livros didáticos de Sociologia aprovados no PNLD 2018. O processo constitui-se das seguintes etapas: (1) compreensão do perfil dos autores; (2) levantamento quantitativo dos textos relacionados à identidade racial e à identidade transexual; (3) análise qualitativa da abordagem feita nos textos dos livros didáticos, selecionados na etapa anterior material.

Tomamos como norte aqui a sequência de discursos que justifica o ensino de Ciências Sociais/Sociologia, na perspectiva das identidades racial e transexual, e sua respectiva contribuição para a elevação qualificada das consciências social, cultural e política dos estudantes, acreditando ser uma síntese da visão curricular segundo alguns autores. Como veremos abaixo, darei tal olhar à análise dos textos selecionados:

[...] ora, uma das preocupações da Sociologia é justamente formar indivíduos autônomos, que se transformem em pensadores independentes, capazes de analisar o noticiário, as novelas da televisão, os programas do dia a dia e as entrevistas das autoridades, percebendo o que se oculta nos discursos e formando o próprio pensamento e julgamento sobre os fatos, ou, ainda mais importante, que tenham a capacidade de fazer as próprias perguntas para alcançar um conhecimento mais preciso da sociedade à qual pertencem (TOMAZI, 2013, p. 8);

[...] as características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades socioeconômicas e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade Brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (BRASIL, 1997);

[...] conhecer é desenvolver o espírito crítico e também a crítica social. O estudo das Ciências Sociais nos revela os mecanismos de poder que nos fazem acreditar serem “naturais” muitos fenômenos que caracterizam a sociedade. (ARAÚJO *et al.*, 2013, p. 59);

[...] refletir sociologicamente sobre esses conceitos significa discutir criticamente a formação histórica, social, econômica e política, bem como a identidade nacional brasileira. Assim, devemos questionar continuamente nossos próprios valores e condutas diante das diferenças culturais e das desigualdades sociais presentes no Brasil e no mundo. É necessário compreender melhor o contexto em que esses valores e condutas são

produzidos, para que nossas opiniões e atitudes não reproduzam preconceitos passados, mas sejam ações refletidas conscientes e comprometidas com os fundamentos do Estado democrático (SILVA *et al.*, 2013, p. 35);

[...] um dos objetivos das Ciências Sociais é justamente desenvolver o pensamento crítico. quando olhamos para a sociedade e fazemos determinados questionamentos, encontramos respostas que revelam aspectos que a princípio não eram evidentes. Podemos chamar essas descobertas de pensamento crítico, ou seja, a capacidade de desvendar mecanismos que, embora operem como se fossem naturais, nada têm de naturais (MACHADO *et al.*, 2013, p. 10); e

[...] estudar Sociologia é propiciar a ampliação do repertório dos jovens acerca da leitura sociológica dos fenômenos sociais, culturais e políticos para além do senso comum, para desnaturalizar e estranhar essa mesma realidade, compreendendo-a não como práticas subjetivas, mas como relações sociais (OLIVEIRA; COSTA, 2013, p. 420).

Neste capítulo, propomos uma avaliação dos cinco livros de Sociologia, aprovados no edital do PNLD 04/2016, que convocou editoras e autores a apresentarem suas respectivas propostas para os livros didáticos. O próprio edital estabelece critérios para a avaliação dos livros didáticos, porém nossa análise fixará o olhar sob as abordagens encontradas acerca das contribuições aos temas de negritude e da travestilidade.

Certamente cabe inúmeras reflexões acerca dos desafios impostos à disciplina de Sociologia no Ensino Médio, frente à sua recente consolidação como componente oficial no currículo. Frente a um cenário social e de recursos tecnológicos cada vez mais diversos que multiplicam as arenas de debates, verifica-se um significativo aumento do interesse e de participação por parte dos jovens a respeito de temas tão latentes em nossa sociedade. Dentre estes, a visibilidade e o empoderamento de parcelas, antes invisíveis, passam a tomar o centro do cenário das discussões. Dentre estas temáticas, encontramos as questões de identidade de gênero e de racial. Temas que até os anos 70 eram pouco discutidos na sociedade, submersos na invisibilidade social, ocupam espaço no cotidiano (diálogos em almoço, em peças publicitárias, em jornais, em programas de rádio, em novelas etc.). Assim, é dever municiar os jovens não apenas para o mercado de trabalho, mas para a vida em sociedade, para assim exercerem livremente sua identidade, o que certamente está em consonância com as finalidades da Educação Básica, amparada pela Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, que, nos Incisos II e III do Art. 35, assegura a “preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando” e “o aprimoramento do

educando como pessoas humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Sendo o livro didático ferramenta presente no processo de aprendizagem, fornecendo e apresentando o conhecimento acumulado de maneira sistematizada, capaz de contribuir para as problemáticas postas acima, a presente pesquisa tem sua devida importância por considerar que os livros didáticos não possuem um sentido subjetivo, sendo produzidos a partir de um conjunto de fatores “externos” e “internos”. Eles são forjados em uma composição indissociável entre os elementos próprios do campo de estudo da área, a legislação regulamentadora, os programas políticos curriculares e a construção dos(as) autores(as), que refletem sobre a organização dos capítulos, a disposição dos textos, as apresentações e as escolhas das imagens – isto é, de uma conjugação de esforços capazes de disputar as possíveis construções de narrativas.

Os livros didáticos têm se apresentado, desde longas datas, como uma fonte de inúmeras pesquisas com os mais diferentes recortes, a fim de compreender este instrumento de disseminação do saber científico e cultural (MANAKATA, 2012; ROCHA, SOMAZA, 2012).

Tratando-se do ensino de Sociologia, embora este componente seja fortemente marcado pelo fenômeno da intermitência, a produção de livros destinados à esta área vem se apresentado de maneira ininterrupta tanto na produção de novas obras quanto na de obras que conquistaram sucesso junto ao público leitor (MEUCCI, 2000).

A primeira experiência de obrigatoriedade do ensino das Ciências Sociais/Sociologia em nossa escola, a nível nacional, ocorreu entre os anos de 1925 a 1942. Logo, muitas obras didáticas foram produzidas a fim de servir de subsídio ao desenvolvimento deste componente, em que havia uma predominância, como nos diz Meucci (2000), de uma expectativa elitista, civilizatória, patriótica e moralista.

Com a aprovação da Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008, o componente curricular de Sociologia passa a ser obrigatório no Ensino Médio, levando à inclusão deste componente no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) no ano de 2012, promovendo o acesso a mais de oito milhões de educandos aos acúmulos produzidos pelas Ciências Sociais e suprimindo uma realidade, já que muitos destes não teriam acesso a estes saberes ao longo de sua vida escolar, tendo em vista que, na maior parte dos casos, é o único acesso dos estudantes ao conhecimento sistematizado.

O livro didático cumpre função fundamental no trabalho docente, tendo em vista que, no Estado de São Paulo, graduados em Geografia, História e Filosofia podem

lecionar o componente curricular de Sociologia desde que apresentem, em seu histórico escolar, carga horária igual ou superior a 160 horas em disciplinas cursadas, dentro de sua respectiva graduação, que se relacionem com a Ciência Social. O inverso também se aplica, graduados em Ciências Sociais podem ministrar aulas de Filosofia, Geografia e História, sob as mesmas exigências supracitadas. Não é preciso grandes estudos e/ou reflexões para detectarmos que um profissional não especialista na área de atuação terá maior dificuldade de lecionar o componente afim. Assim, o livro didático passa ser, em alguns casos, o próprio “plano de aula” e até o “instrumento de formação docente” (MEUCCI 2013, p. 78).

Como o livro didático, em alguma medida, materializa o currículo oficial, ambos estão submetidos à uma disputa de interesses. Tão logo o currículo se manifesta como resultante de disputas de narrativas, por sua vez, os livros tornam-se produtos tangíveis desta disputa.

Em virtude da importância do livro didático no processo de ensino-aprendizagem, da importância que este tem em apresentar um saber sistematizado e da popularização dos conhecimentos desenvolvidos pelas Ciências Sociais, vamos aqui investigar os cinco livros didáticos aprovados no PNLD de 2018: *Sociologia*; *Sociologia Hoje*; *Tempos Modernos*, *Tempos de Sociologia*; *Sociologia em Movimento* e *Sociologia para Jovens do Séc. XXI*.

Faremos uma análise acerca da abordagem presente ao longo da obra acerca das identidades raciais e da transexualidade. Afinal, como nos diz Cavalcante (2007, p. 10), “[...] interessa não o que uma palavra ou expressão significa, mas como funciona no discurso, na conjuntura histórica em que ela é enunciada”.

Porém, para que se possa realizar uma análise do discurso presente nos textos dos livros didáticos, compreendemos que os sentidos são construídos sob determinadas condições discursivas, o que, segundo Orlandi (2007, p. 30), não se tratam somente do contexto socioeconômico, político e cultura do qual o indivíduo se utiliza, mas também do próprio indivíduo que dele assume suas posições. Assim, apresentamos um mapeamento da formação acadêmica dos autores, com vistas ao curso realizado, à instituição em que o curso foi realizado, ao tempo demandado para a formação, às suas respectivas experiências profissionais, à localização geográfica de sua atuação profissional e ao contato com a Educação Básica e com as áreas de atuação.

Para este levantamento, as informações presentes nos livros didáticos são insuficientes. Assim, recorreremos ao Currículo Lattes de cada autor(a). Adotaremos este método por compreender que se trata de informações públicas e relevantes que podem

nos ajudar a compreender um pouco melhor os respectivos perfis dos autores das obras em análise.

Realizamos o levantamento de palavras-chave em torno das concepções identitárias, seja da forma que estão presentes no currículo oficial, da forma presente nos documentos oficiais que tratam a temática ou da forma presente nas produções acadêmico-científicas que se dedicam ao estudo do tema. A busca se dará na versão digital das obras, encontradas em formato Portable Document Format (PDF), com o uso da ferramenta *localizar*, presente no *software* Adobe Reader. Os termos para a busca foram divididos em dois blocos, os ligados ao conceito de raça/etnia e os de gênero ligados à travestilidade; sendo assim: *raça*, *racismo*, *etnia*, *étnico*, *negro* e *negritude* (primeiro bloco) e *transexualidade*, *transexuais* e *travesti* (segundo). A escolha dos grupos de palavras-chave se dá por fundamentação dos significados sociais a elas atribuídos, em que usamos como fonte os dicionários *Dicionário de Sociologia* e, em seguida, *Dicionário Aurélio* de sinônimos, para listar as palavras mais usuais para os temas de raça e de travestilidade.

Ao localizar a palavra-chave consultada, procederemos com a leitura do texto ao qual está inserida, a fim de aferir se o sentido da mesma está relacionado ao nosso objetivo de estudo – ou seja, se o texto aborda ou não a questão das identidades racial e transexual. Em caso afirmativo, faremos a análise do texto, a fim de aferir como o tema é apresentado pelo(s, a, as) autores(as), qual o uso de referências teóricas, qual é a relação do texto com as imagens presentes, qual a eficácia do título do texto e qual é a profundidade dada ao tema.

Por fim, apresentamos uma análise comparativa dos dados quantitativos e qualitativos em nossa pesquisa entre os cinco livros em estudo.

### **3.1. Perfil dos autores**

No PNLD de 2018, houve cinco obras aprovadas e recomendadas pela rede, que contaram com o envolvimento total de 29 autores, sendo que 13 destes autores possuem nomes femininos, o que corresponde a 45% do total, e os 16 restantes autores possuem nomes masculinos, o que corresponde a 55% do total, como podemos conferir no Quadro 1 abaixo.

Outro elemento a ser observado é o de que 60% das obras contaram com participação feminina; apenas as obras *Sociologia Hoje* e *Sociologia para Jovens do Séc. XXI* foram elaborados sem o envolvimento direto de autoras.

### Quadro 1 – Livros didáticos aprovados no PNLD 2018

Título	Autores(as)	Editora
<i>Sociologia</i>	Benilde Lenzi Motim Maria Aparecida Bridi Sílvia Maria de Araújo	Scipione
<i>Sociologia Hoje</i>	Celso Rocha de Barros Henrique Amorim Igor José de Renó Machado	Ática
<i>Tempos Modernos, Tempos de Sociologia</i>	Bianca Freire-Medeiros Helena Bomeny Julia O'Donnell Raquel Balmant Emerique	Editora do Brasil
<i>Sociologia em Movimento</i>	Afrânio Silva Bruno Loureiro Cássia Miranda Fátima Ferreira Lier Pires Ferreira Marcela M. Serrano Marcelo Araújo Marcelo Costa Martha Nogueira Otair Fernandes de Oliveira Paula Menezes Raphael M. C. Corrêa Rodrigo Pain Rogério Lima Tatiana Bukowitz Thiago Esteves Vinicius Mayo Pires	Moderna
<i>Sociologia para Jovens do Séc. XXI</i>	Luiz Fernandes de Oliveira Ricardo Cesar Rocha da Costa	Imperial Novo Milênio

**Fonte:** Elaboração própria.

Ao observarmos a formação acadêmica dos autores, 19 deles possuem título de doutor (66%), nove são mestres (33%) e apenas um graduado na área. Logo, 99% dos envolvidos são detentores de titulação pós-graduação.

Referente à graduação, pouco mais da metade cursaram licenciatura, o que certamente amplia as possíveis abordagens das teorias das Ciências Sociais para os estudantes do Ensino Médio, sendo 16 dos autores portadores de licenciatura, correspondendo a 55%, e 13 dos autores, bacharéis, contemplando os 45% restantes.



Outro fato a ser observado: apenas quatro autores cursaram sua graduação em instituição privada, todos na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

**Quadro 2 – Perfil dos autores (PNLD 2018 de Sociologia)**

Livro	Graduação					Pós-Graduação			Docência			
	Autor/res	Curso	Intit.	Lic. CS	Título	Área	Intit	Ano conc.	Pós Doc	Ens. Bás.	Ens. Sup.	Vinc. Int.
Sociologia	Silvia M. de Araújo	C.Sociais	PUC/P R	Não	Dout.	C. Comun.	USP	1991	Sim	Não	Sim	UFPR
	Maria Aparecida Bridi	C.Sociais	UFPR	Não	Dout.	Sociologia	UFPR	2008	Não	Sim	Sim	UFPR
	Benilde Lenzi Motim	C.Sociais	UFPR	Não	Dout	História	UFPR	1999	Não	Não	Sim	UFPR
	Igor J. de R. Machado	C.Sociais	UNICA MP	Não	Dout	C. Sociais	UNICA MP	2003	Não	Não	Sim	UFSCa r
Sociologia Hoje	Henrique Amorim	C.Sociais	UNICA MP	Não	Dout	C. Sociais	UNICA MP	2006	Sim	Não	Sim	UNIFES P
	Celso R. de Barros	C.Sociais	UNICA MP	Não	Dout	C. Sociais	OXFOR D	2008	Não	Não	Sim	Banco Central
	Helena Bomeny	C.Sociais	UFF	Não	Dout	Sociologia	IUPERJ	1991	Sim	Não	Sim	UERJ
	Bianca Freire-Medeiros	C.Sociais	UERJ	Não	Dout	História e outros	Bingha mt n/ EUA	2002	Sim	Não	Sim	USP
Tempos Modernos, Tempos de Sociol. Sociologia	Raquel B. Emerique	História	UFRJ	Sim	Dout	C. Sociais	UERJ	2007	Não	Sim	Sim	UERJ
	Julia O'Donnel	História	USP	Não	Dout	Antropo	UERJ	2011	Não	Não	Sim	UFRJ
	Afrânio Silva	C.Sociais	PUC/R J	Não	Dout.	C. Sociais	UFRRJ	2014	Sim	Sim	Sim	Pedro II
	Bruno Loureiro	C.Sociais	UFRJ	Sim	-	-	-	-	-	Sim	Não	-
Sociologia em Movimento	Cássia Miranda	C.Sociais	UFRJ	Não	Mst	Filosofia	PUC/RJ	2008	Não	Sim	Não	Outro
	Fátima Ferreira	C.Sociais	UERJ	Sim	Dout	Educação	UNESA	2013	Não	Sim	Sim	Pedro II
	Lier Pires Ferreira	C.Sociais	UFF	Não	Dout	Direito	UERJ	2007	Não	Sim	Sim	Pedro II

Marcela M. Serrano	C.Sociais	UERJ	Não	Mst	C. Sociais	UERJ	2003	Não	Sim	Sim	Cefet/RJ
Marcelo Costa	C.Sociais	UFRJ	Sim	Mst	Sociologia	UFRJ	2000	Não	Sim	Sim	Pedro II
Marcelo Araújo	C.Sociais	UFF	Sim	Dout	Antropologia	UFF	2014	Não	Sim	Sim	Pedro II
Martha Nogueira	C.Sociais	UERJ	Não	Mst	C. Sociais	UERJ	2004	Não	Sim	Sim	Pedro II
Otair F. de Oliveira	C.Sociais	UERJ	Sim	Dout	C. Sociais	UERJ	2008	Não	Sim	Sim	UFRRJ
Paula Menezes	C.Sociais	UFRJ	Não	Dout	Socio e Ant	UFRJ	2014	Não	Sim	Não	Pedro II
Raphael M. C. Corrêa	C.Sociais	UFRJ	Sim	Dout	C. Política	UERJ	2011	Não	Sim	Sim	Pedro II
Rodrigo Pain	C.Sociais	PUC/RJ	Sim	Dout	Socio e Ant	UFRJ	2002	Não	Sim	Sim	Pedro II
Tatiana Bukowitz	C.Sociais	UERJ	Sim	Mst	Sociologia	UPERJ	2005	Não	Sim	Não	Pedro II
Thiago Esteves	C.Sociais	PUCRJ	Sim	Mst	C. Sociais e	UFRRJ	2007	Não	Sim	Não	Cefet/RJ
Vinicius Mayo Pires	C.Sociais	UFRJ	Sim	Mst	Socio e Ant	UFRJ	2012	Não	Sim	Não	Pedro II
Luiz F. de Oliveira	Sociolog	Italia	Não	Dout	Educação	PUC/RJ	2010	Não	Sim	Sim	UFRRJ
Ricardo R. da Costa	C.Sociais	UFF	Sim	Mst	C. Política	UFF	2000	Não	Sim	Não	IFRJ

**Fonte:** Elaboração própria.

Referente à atuação profissional, 72% dos autores tiveram contato direto com o Ensino Médio, sendo que deste total 80% acumulam com o Ensino Superior. Cabe salientar que os autores atuantes no Ensino Médio, em suma maioria, lecionam no Colégio Pedro II ou em um instituto federal. É importante destacar que o Colégio Pedro II possui o *status* de instituto federal e que estas instituições gozam de estrutura infinitamente mais adequada em relação às estruturas encontradas na grande maioria das escolas públicas de Ensino Médio, sejam estas de qualquer esfera da federação.

Outra informação que nos chama atenção após a análise dos Currículos Lattes: o fato de mais da metade da produção acadêmica ser produzida nos departamentos de educação nos mostra que os departamentos ligados às Ciências Sociais, de maneira geral,

não se sentem atraídos pela linha de pesquisa em ensino de Sociologia. Cabe ressaltar, ainda, que a formação acadêmica dos autores na área da Educação é quase que inexpressiva, pouco mais de 8% dentre eles possuem pós-graduação voltada para a educação ou para o ensino de Sociologia.

Outra informação constatada conforme o Currículo Lattes dos autores: 1/3 (um terço) tem o ensino de Sociologia como tema de interesse. Fica notório que a área da educação é desprestigiada no âmbito das Ciências Sociais.

Em linhas gerais, o perfil dos autores das obras do PNLD 2018 é marcado por alta titulação e acentuado afastamento dos mesmos da prática escolar, sendo raros os casos dos autores ligados ao Ensino Básico. É possível afirmar que a alta titulação acadêmica, como observada nestes casos, pode indicar que a posição hierárquica de titulação é condição objetiva para ser autor de livros didáticos atualmente.

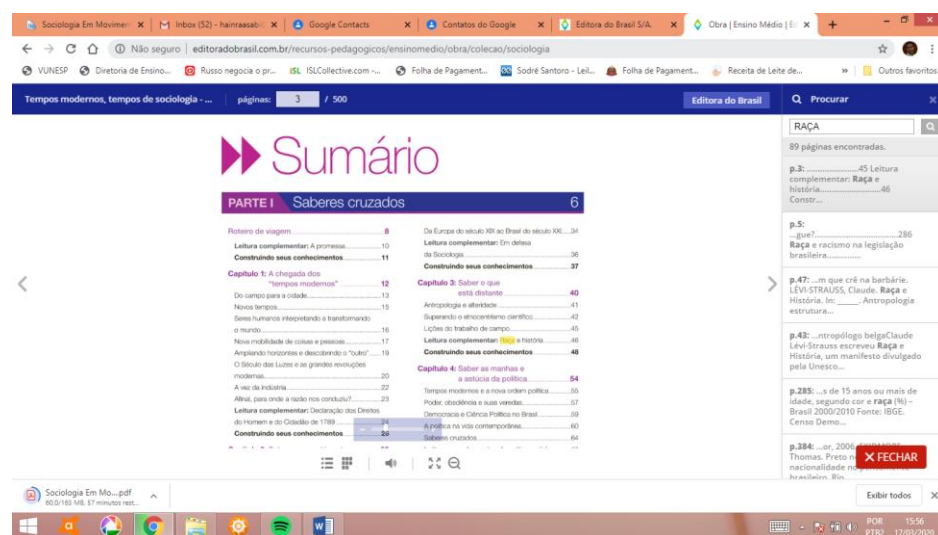
Observar os perfis dos autores é fundamental para compreender sua produção final, considerando que “somos sujeitos de uma determinada época, inseridos em uma conjuntura histórica que possui modos de pensar dominantes que afetam o nosso dizer e o modo de compreender o mundo” (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 66).

## 4. ANÁLISE DOS PNLDS DE SOCIOLOGIA 2018

### 4.1. Metodologia

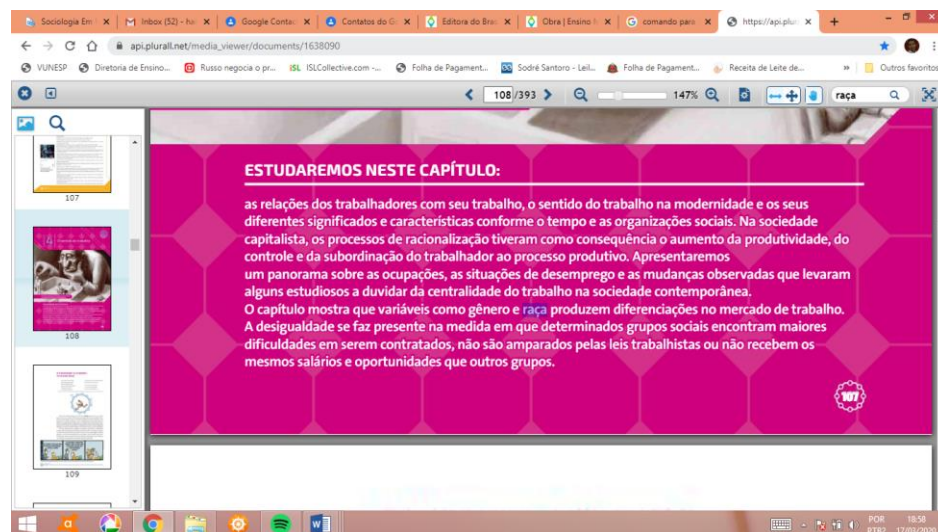
Esta etapa de trabalho só foi possível porque levamos mão das versões digitais das publicações, o que possibilitou a busca das palavras-chave dentro dos exemplares, com auxílio da ferramenta de busca, em textos, títulos, legendas e sumários. Três das cinco publicações têm sua versão disponível em PDF no portal de suas respectivas editoras. São elas: *Sociologia*, Editora Scipione; *Sociologia Hoje*, Editora Ática; e *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* – Editoria do Brasil, vide Figura 1. Após contato por e-mail e por telefone, a Editora Imperial Novo Milênio, da publicação *Sociologia para Jovens do Século XXI*, disponibilizou-nos sua versão em PDF. Apenas a Editora Moderna não dispõe da versão em PDF de sua obra, *Sociologia em Movimento*. Neste caso, usamos a própria publicação física para a realização da pesquisa.

**Figura 1 – Printscreen da versão PDF do PNL 2018: *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia***



Fonte: Elaboração própria; página visível na figura em: <https://www.editoradobrasil.com.br/recursos-pedagogicos/ensinomedio/obra/colecao/sociologia>

**Figura 2 – Printscreen da versão PDF do PNLD 2018: *Sociologia***



**Fonte:** Elaboração própria; página visível na figura em:  
[https://api.plurall.net/media\\_viewer/documents/1638090](https://api.plurall.net/media_viewer/documents/1638090)

A busca foi executada na totalidade das publicações, porém a pesquisa foi separada pelos seguintes eixos temáticos: Cultura (Antropologia), Trabalho (Sociologia) e Poder (Ciência Política), previstos pelo próprio edital de chamado público do PNLD 04/2015, que se vê a seguir:

Além dos critérios comuns a todas as áreas, a comissão técnica também definiu os critérios específicos referentes a cada componente curricular. No que diz respeito à Sociologia, podemos destacar os seguintes princípios que pautaram a definição dos critérios específicos:

1. Assegurar a presença dos conteúdos das três áreas que compõem as Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia e Ciência Política.
2. Respeitar o rigor teórico e conceitual.
3. Realizar a mediação didática.
4. Contribuir para a apreensão do conhecimento sociológico pelo estudante (Ed. PNLD 04/2015).

A temática racial e a de transexualidade perfeitamente podem permear todas as discussões presentes nos princípios e nos critérios didático-pedagógicos presentes nas diretrizes curriculares nacionais e estaduais. No caso do Estado de São Paulo, as diretrizes nacionais se encontram em consonância com o Currículo Paulista, que se apresenta respectivamente nos três anos no Ensino Médio como cultura, trabalho e poder, como podemos observar na tabela a seguir (cf. Quadro 3).

Tendo em vista que o livro didático, neste caso de Sociologia, é uma fonte de conhecimento sistematizado e que a discussão da identidade emerge em um ambiente de padronização, as produções culturais pasteurizadas deixam para as Ciências Sociais o desafio de apresentar reflexões acerca destas temáticas.

Logo, as Ciências Sociais/Sociologia podem contribuir para um conhecimento que é capaz de formar indivíduos autônomos e críticos, capazes de compreender os fenômenos sociais vivenciados em seu dia a dia, o que permite a estes indivíduos um olhar fora do senso comum, produzindo novas formas de lidar com a realidade.

Após a seleção dos textos, como exposto acima, iremos submeter o texto a dois parâmetros de análise, sendo o primeiro de cunho quantitativo e o segundo qualitativo, ambos são coletas de dados para produzir um olhar comparativo entre as obras.

**Quadro 3 – Currículo Oficial de Sociologia do Estado de São Paulo**

Série	Eixo	Conteúdo	Competência/habilidade
1ª	Cultura	O aluno na sociedade e a Sociologia	Sociologia e o trabalho do sociólogo. O homem como ser social. Senso comum, crítico e científico. Senso comum, crítico e científico. Como pensar diferentes realidades. O processo de desnaturalização ou estranhamento da realidade. O processo de desnaturalização ou estranhamento da realidade.
		O que permite ao aluno viver em sociedade?	A inserção em grupos sociais: família, escola, vizinhança, trabalho. Relações e interações sociais. - Socialização e o processo de construção da identidade
		O que nos une como humanos? O que nos diferencia?	Conteúdo simbólico dos relacionamentos social; A humanidade na diferença. Características da cultura; Conteúdos simbólicos da vida humana: cultura; O que nos diferencia como humanos;
		O que nos une como humanos? O que nos diferencia?	Conteúdo simbólico dos relacionamentos social. etnias; classes sociais; gênero; geração.

2ª	Mundo do Trabalho	De onde vem a diversidade social brasileira	A população brasileira: diversidade nacional e regional; A formação da diversidade; O estrangeiro do ponto de vista sociológico; migração, emigração e imigração; aculturação e assimilação.
		Qual a importância da cultura na vida social?	A mídia como ferramenta ideológica; Cultura e comunicação de massa; música, televisão, internet, cinema, artes, literatura.
		Qual a importância do trabalho na vida social brasileira?	O trabalho como mediação; Divisão social do trabalho; Divisão sexual e etária do trabalho; Transformações no mundo do trabalho; Emprego e desemprego na atualidade.
		O aluno em meio aos significados da violência no Brasil	Violências simbólicas, físicas e psicológicas; Diferentes formas de violência: doméstica, sexual e na escola; Razões para a violência.
3ª	Poder	O que é cidadania?	O significado de ser cidadão ontem e hoje; A Constituição Brasileira de 1988; Direitos civis, direitos políticos, direitos sociais e direitos humanos; A revolução francesa; A expansão da cidadania para grupos especiais; crianças e adolescentes, idosos e mulheres.
		Qual a importância da participação política?	Formas de participação popular na história do Brasil; movimento operário e sindical; Movimentos sociais contemporâneos; movimentos populares urbanos; movimentos religiosos, atesmos; "novos" movimentos sociais: negro, feminista, ambientalista, GLBT;
		Qual é a organização política do Estado brasileiro?	Estado e governo. Sistemas de governo;  Organização dos poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário; Eleições e partidos políticos.
		O que é não cidadania?	Desumanização e coisificação do outro. Reprodução da violência e da desigualdade social; O papel social e politicamente transformador da esperança e do sonho.

**Fonte:** Matriz de avaliação processual: Filosofia e Sociologia – Ciências Humanas, encarte do professor.

Na coleta dos dados quantitativos é apresentado o quanto de textos, de títulos, de subtítulos, de citações, de imagens e de gráficos temos em cada obra que tem ligação com os dois temas centrais: raça e transexualidade, a fim de aferir em quais eixos as obras destinam suas discussões. Os dados estão separados entre: a) Cultura (Antropologia), destinado ao primeiro ano do Ensino Médio; b) Trabalho (Sociologia), voltado ao segundo ano; e c) Poder (Ciência Política), componente reservado ao terceiro ano.

A comparação dos dados coletados entre as cinco obras resulta em um relatório capaz de apontar de forma quantitativa quais entre as obras apresentam mais discussões frente aos temas.

Na análise qualitativa dos textos, selecionados nas etapas anteriores, aplicamos os seguintes parâmetros de análise, dentre os textos, as imagens, os títulos e as citações:

- a) Há discussão, apresentada de maneira crítica;
- b) Há apresentação de elementos que possibilitem ao educando refletir sobre seu redor;
- c) Há revelação dos mecanismos de opressão e de poder;
- d) Há possibilidade de estranhamento ou de desnaturalização dos fenômenos apresentados.

Segundo Santo (2016), esta expectativa dada ao ensino de Sociologia de despertar um tipo de consciência crítica-reflexiva está presente nos mais diversos espaços onde o assunto é discutido, perpassando dos discursos docentes até os documentos oficiais.

Para cada um dos itens expostos acima, será atribuído uma nota, podendo variar de um a quatro pontos, onde quatro será a maior nota e um a menor; sendo compreendido da seguinte forma: a) quatro pontos, atinge plenamente os objetivos; b) três pontos, atinge os objetivos; c) dois pontos, atinge parcialmente os objetivos; e d) um ponto, não atinge os objetivos.

A metodologia exposta acima servirá de parâmetro, a fim de permitir uma análise planejada das obras, por seus respectivos textos, com o intuito de gerar um distanciamento das obras em estudo, como veremos nos capítulos a seguir.

## **4.2. Análises quantitativas**

### **4.2.1. Análise quantitativa de *Sociologia***

O livro destina 392 páginas aos estudantes e inicia-se como uma apresentação, onde apresenta a natureza do conhecimento sociológico e a proposta do livro.



Os conteúdos são apresentados em 12 capítulos, sendo cada um relacionado a um grande tema das Ciências Sociais. Os capítulos estão divididos em 87 seções e 37 subseções que tratam de temáticas específicas e conceitos relacionados ao tema central do capítulo, como podemos observar no Quadro 4 abaixo, intercalado por boxes que trazem as seguintes propostas: “Pausa para refletir” (apresentado em textos, em imagens e em charges, seguidos de atividades variadas); “Pesquise” (propõe atividades de pesquisa relacionadas à temática do capítulo); “Debate” (traz textos, letras de música, poema etc. seguidos de atividade que levam o jovem a refletir e tomar posição sobre aspectos da realidade social ligados aos temas trabalhados no capítulo); “Encontro com cientistas sociais” (trechos de textos de cientistas sociais clássicos ou contemporâneos, seguidos de atividades diversas); “Intelectuais leem o mundo social” (apresenta textos breves com a opinião de algum intelectual sobre temas específicos, seguidos de atividades); “Diálogos interdisciplinares” (propostas de atividades que buscam dialogar com outras disciplinas do Ensino Médio); “Revisar e sistematizar” (seção com questões que exploram o conteúdo do capítulo); “Conceitos-chave” (relação dos conceitos trabalhados no capítulo).

**Quadro 4 – Divisão por capítulos/seções (Sociologia, 2ª ed.)**

OBRA	QUANT/ PÁG.	QUANT/ CAP.	EIXOS	QUANT/ CAP. POR EIXO	QUANT/ SEÇÕES	QUANT/ SUBSEÇÕES
SOCIOLOGIA	392	12	CULTURA	3	19	21
			TRABALHO	4	29	1
			PODER	5	39	15

**Fonte:** Elaboração própria.

A obra totaliza 136 títulos divididos entre capítulos, seções e subseções. Porém deste total encontramos apenas um único texto que trata da questão da negritude de maneira específica, o que corresponde a 1% de toda a produção; 15 textos tratam das questões de negritude de maneira indireta, o que corresponde a 11% do total de textos dentro da obra. Assim, dentro de um universo total de 136 títulos, apenas 12% abordam as questões de negritude, como podemos observar no Gráfico 1.

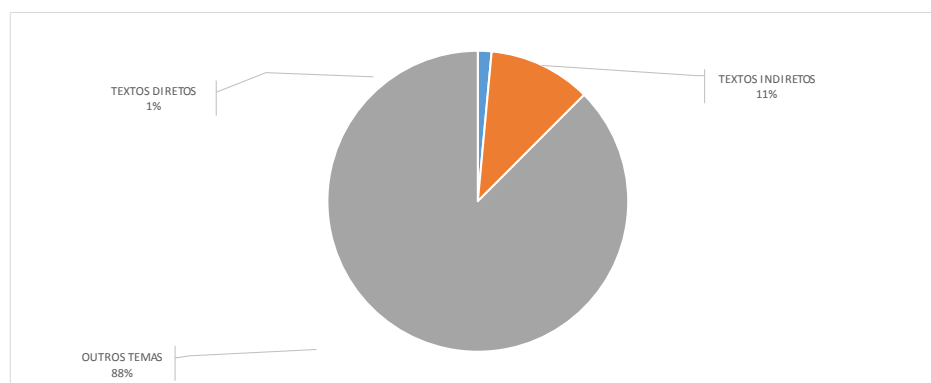
Os títulos se encontram distribuídos nos três grandes eixos da Ciências Sociais, porém do total de 16 títulos apenas três encontram-se nas discussões de cultura, seis estão

ligados às temáticas de trabalho e sete se encontram dentro do eixo de poder, como podemos observar na Tabela 1.

Ao observar os verbetes utilizados nos textos para se referir à negritude, o termo *raça* é aplicado em dez dos 16 textos, contra *etnia* em nove textos e *negro* em apenas três. Cabe salientar que das nove vezes que o verbete *etnia* é aplicado para falar da temática negra cinco está acompanhada no mesmo texto pela palavra *raça* e duas pela palavra *negra*. Fica notório que os verbetes mais utilizados nesta obra foram *raça/racismo* e *étnico/etnia*.

Ao longo da obra, não encontramos nenhuma menção dentro dos textos referente à questão da travestilidade, tema tão latente em nosso cotidiano.

**Gráfico 1 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (Sociologia, 2ª ed.)**



Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 1 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude (Sociologia, 2ª ed.)**

	TÍTULO	PÁG DO TÍTULO	total de páginas	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG			TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ÉTNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE		
CULTURA	DESIGUALDADE SOCIAL E DOMINAÇÃO	58	3		X			X
	GLOBALIZAÇÃO E NOVAS QUESTÕES SOCIAIS	65	1 1/2		X			X
	AS CIÊNCIAS SOCIAIS OBSERVAM A FAMÍLIA	88	4		X			X
TRABALHO	4. O SENTIDO DO TRABALHO	107	1	X				X
	DESIGUALDADE ÉTNICO-RACIAIS NO MERCADO DE TRABALHO	127	3	X	X	X	X	
	O RELATIVISMO CULTURAL	174	2	X				X
	NÓS E OS OUTROS	176	5	X	X	X		X
	DIVERSIDADE CULTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA	182	2	X		X		X
	INDÚSTRIA CULTURAL E PRÁTICAS SOCIAIS	190	3	X	X			X
	CIDADANIA É UMA CONQUISTA	230	2		X			X
PODER	ESTADO E GOVERNO	250	3	X				X
	MOVIMENTOS SOCIAIS NA OUTRA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	264	2	X	X			X
	TEMAS E PROTAGONISTAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNIOS	274	1	X	X			X
	DESAFIOS DO ENSINO NO BRASIL	308	3	X				X
	DESAFIOS PARA OS JOVENS DE HOJE	339	2	X				X
	CRISE E IMPASSES GLOBAIS	366	2	X				X

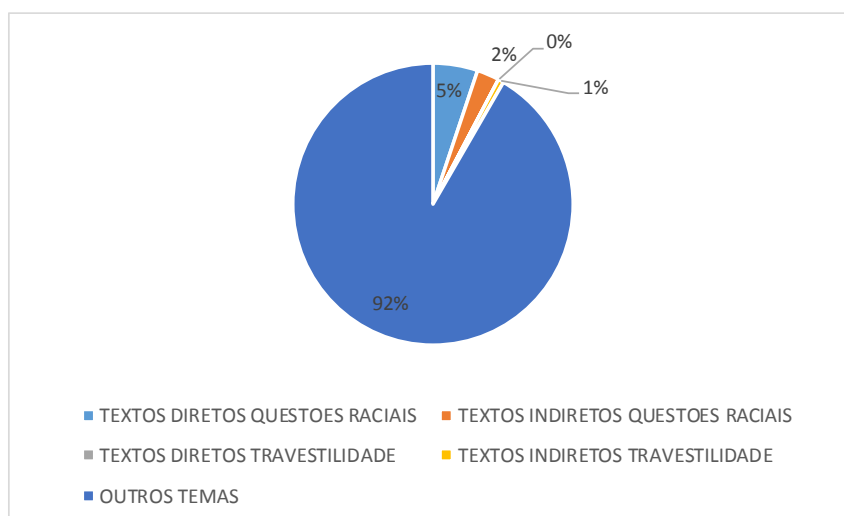
Fonte: Elaboração própria.

O livro didático *Sociologia* apresenta, em sua totalidade, 155 boxes divididos entre as seguintes propostas: “Pausa para refletir”; “Pesquise”; “Debate”; “Encontro com cientistas sociais”; “Intelectuais leem o mundo social”; “Diálogos interdisciplinares”; “Revisar e sistematizar”; e “Conceitos-chave”. Dentro deste universo, encontramos apenas 12 boxes relacionados às questões raciais, o que corresponde a 7%, porém 8 boxes tratam da questão de forma não específica e quatro de forma específica. Encontramos apenas um box abordando a questão da transexualidade de maneira indireta, correspondendo a 1% de toda a produção. Entre os boxes, é notório um certo equilíbrio entre os eixos Trabalho e Poder, em que cada um totaliza seis boxes e apenas um no eixo Cultura, como podemos observar no Gráfico 2 e na Tabela 2.

Submetendo a obra a uma análise de suas imagens e de suas figuras, localizamos apenas sete delas (das 328 impressas no livro) que em sua legenda apontava ligação com as discussões da temática racial, o que corresponde a 2% do total de imagens disponíveis. Não encontramos qualquer imagem/figura ligados à temática da transexualidade, como podemos observar no Gráfico 3 e na Tabela 3. Cabe salientar que o levantamento levou em conta apenas os elementos em que as descrições das respectivas legendas apontassem aos temas em análise; a obra, sim, conta com outras imagens, mas, neste caso, a legenda não as descreve de maneira a relacionar com o tema de raça e de transexualidade.

É notório que o maior número de imagens/figuras se encontra no eixo Cultura, totalizando quatro, seguido pelo eixo Trabalho com três e apenas uma localizada no eixo Poder.

**Gráfico 2 – Box por temas (*Sociologia*, 2ª ed.)**



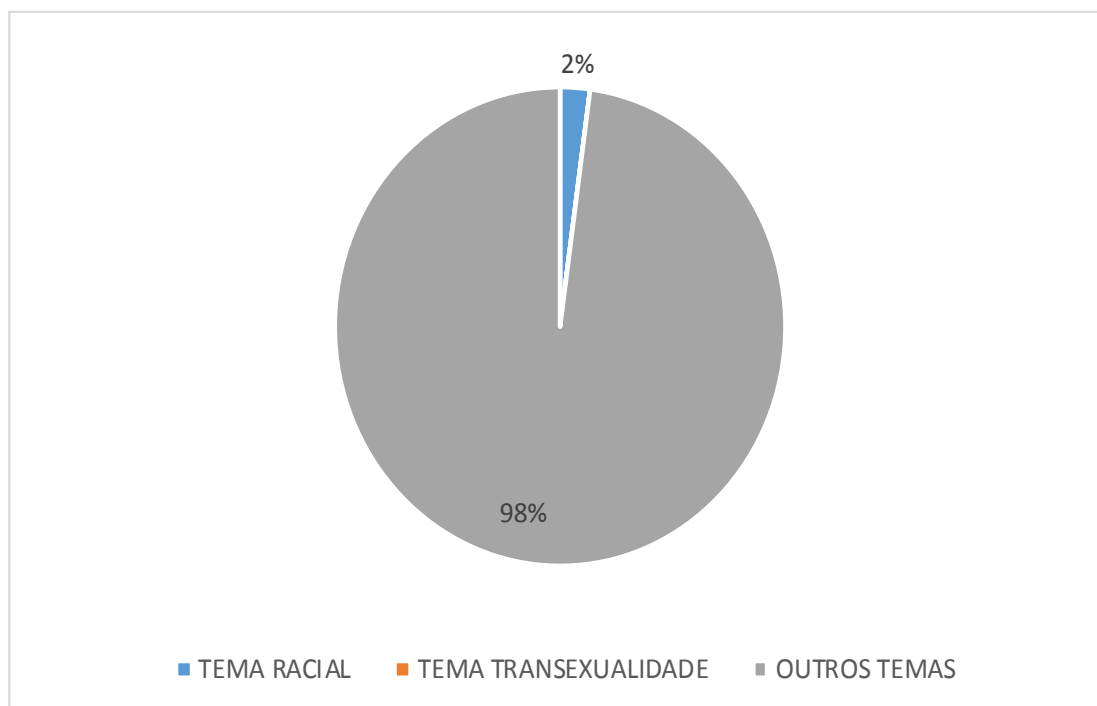
**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 2 – Lista de boxes (*Sociologia*, 2ª ed.)**

	TÍTULO DO BOX	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
			RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE GO(S)	TRASEXUA L (IS)	TRAVESTI (S)		
CURRÍCULO	PESQUISA	69	X							X
	PAUSA PARA REFLETIR	128	X		X				X	
	BASE TEÓRICA DO RÁCISMO - SÉCULO XIX	178	X						X	
	DIRETOS E DESIGUALDADES SOCIAIS	184	X		X				X	
	DIÁGOLOS INTERDISCIPLINARES	197		X						X
	PAUSA PARA REFLETIR	203	X	X					X	
	PAUSA PARA REFLETIR	216	X							X
	SUFRÁGIO UNIVERSAL	231		X						X
	ENCONTRO COM CIENTISTA SOCIAL	275	X							X
	Movimento sociais contemporâneos no Brasil	278			X	X				X
	DEBATE	279		X						X
	PAUSA PARA REFLETIR	329	X							X
	DESEJOS E PREOCUPAÇÕES DA JUVENTUDE BRASILEIRA	337	X							X

**Fonte:** Elaboração própria.

**Gráfico 3 – Percentual de imagens e de figuras por temas (*Sociologia*, 2ª ed.)**



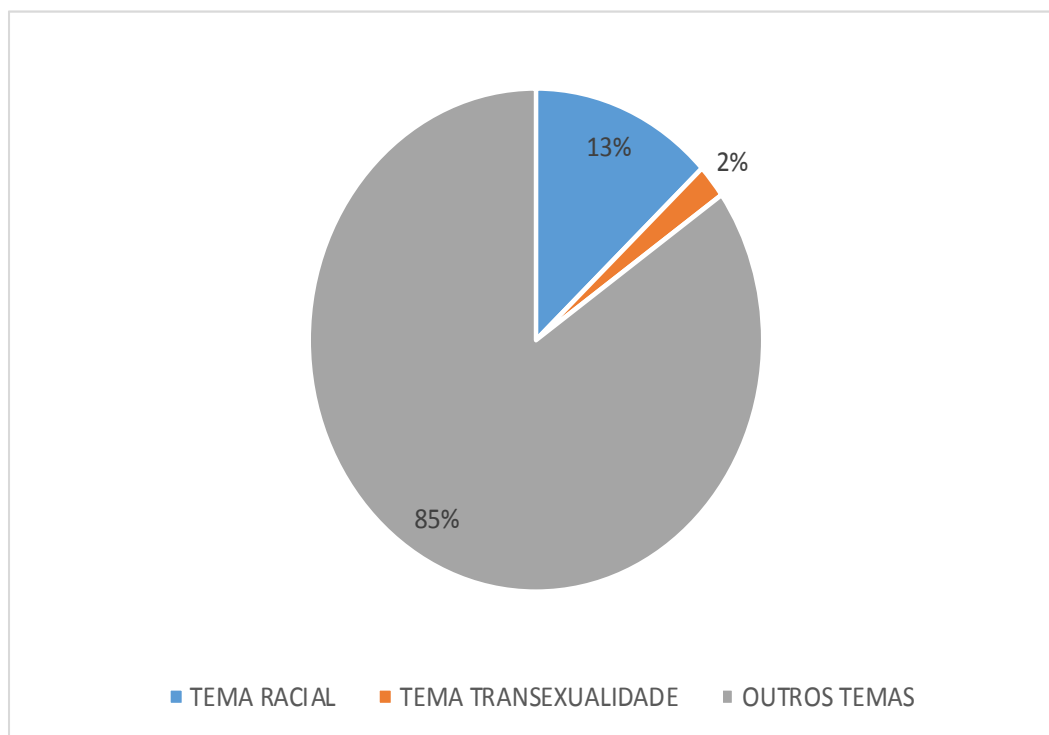
**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 3 – Lista de imagens e de figuras (*Sociologia*, 2ª ed.)**

	FIGURAS/IMAGENS	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG					
			RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE GO(S)	TRANSEX UAL (IS)	TRAVESTI (S)
CULTURA	Aquarela de Jean-Baptiste Debret	49		X				
	Feriado: dia da consciência negra	61			X			
	Manoel, do Atlético -PR	60	X					
	Capa do Livro A integração do negro na sociedade de classes, de Florestan Fernandes	63			X			
TRABALHO	Manifestação por cotas raciais na universidades públicas, em São Paulo (SP), em 2014.	129	X					
	Luislinda Dias de Valois Santos, primeira juíza negra do Brasil...	184			X			
PODE R	Marcha das mulher ....	274	X		X			

**Fonte:** Elaboração própria.

**Gráfico 4 – Percentual de tabelas e de gráficos por temas (*Sociologia*, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 4 – Lista de tabelas e de gráficos (*Sociologia*, 2ª ed.)**

	TABELAS E GRÁFICOS	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG					
			RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ÉTnico (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE GO(S)	TRANSEXU AL (IS)	TRAVESTI (S)
CULT IRA	Brasil: renda per capita (2015)	64	X					
TRABALHO	Proporção de pessoas de 16 anos ou mais de idade ocupadas em trabalhos informal, de acordo com cor e raça	128	X					
	Base teóricas do racismo - século XIX	178	x					
	% da população em situação de extrema pobreza, por cor/raça (2004 e 2012)	184	X					
	Taxa de homicídio branco e vitimização negra				X			
PODER	Cidadania e conquista de direitos no Reino Unido	233				X		
	Barasil: taxa de alfabetização de pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça (1992-2008)	309	X					

**Fonte:** Elaboração própria.

Quando olhamos para a obra no tocante de seus gráficos e de suas tabelas, encontramos um total de 46 deles distribuídos ao longo dos capítulos; dentre estes, seis gráficos estão ligados às questões raciais, o que corresponde a 13%, e uma única tabela ao tema da travestilidade, correspondendo a 1% do total de gráficos e de tabelas.

Do total de gráficos/tabelas ligados aos temas raça e transgênero, observamos que há maior concentração deste recurso no eixo Trabalho: quatro, seguido por Poder com duas; por sua vez, o eixo Cultura conta com apenas um exemplar deste recurso, como podemos observar no Gráfico 5 e na Tabela 5 acima.

Podemos concluir, frente à importância e à relevância da abordagem dos temas raciais e de transexualidade e por suas transversalidades pelos três principais eixos das Ciências Sociais trabalhados nos livros didáticos (Cultura, Trabalho e Poder), que a obra *Sociologia* não dedica menos de 15% de seus recursos para a abordagem dos temas.

Como podemos observar em seus textos, boxes, figuras e imagens e tabelas e gráficos, apenas 12% de todos os seus textos abordam questões raciais, sendo que deste total em 1% dos textos a questão é tratada de maneira específica e não genérica, como exemplificação.

O uso do recuso de boxes no livro (que poderia servir para o aprofundamento de questões) só dedica 7% para questões raciais e 1% para o tema da transexualidade, frente aos outros 92% destinados a temas diversos.

Por mais que a obra apresente um grande número de imagens/figuras, apenas 2% de seu total apresenta em suas respectivas legendas o tema raça, e não há sequer uma única imagem/figura para a questão transexual (isto, dentro de um universo de 328).

Tendo em vista a importância que o livro didático ocupa na formação do imaginário, e tão logo na construção de mundo dos educandos, a obra *Sociologia* apresenta pouco sobre as discussões de raça e de transexualidade.

#### **4.2.2. Análise quantitativa de *Sociologia Hoje***

O livro do estudante, com 384 páginas, é composto por três unidades, intituladas: Unidade 1 – Cultura, Unidade 2 – Sociedade e Unidade 3 – Poder e Cidadania. Cada uma das unidades contém cinco capítulos, totalizando 15, que são compostos por seções, por subseções e por uma quantidade expressiva de recursos, tais como boxes, fragmentos de textos, tirinhas, imagens e charges que auxiliam na compreensão dos temas.

Todas as unidades seguem uma mesma estrutura na qual os três capítulos iniciais apresentam os fundamentos teóricos e conceituais das discussões em tela. O quarto capítulo trata da produção científica brasileira na área das Ciências Sociais em questão. E o quinto capítulo tem como objetivo trazer abordagens contemporâneas sobre o tema/área de conhecimento da unidade; os capítulos se encerram com um resumo do conteúdo trabalhado, seguido da seção “Sugestões”, que fornece indicações de leituras complementares, de filmes e de sites para pesquisas virtuais. Ao final de cada unidade, estão as seções “Você aprendeu que”, que resume e sintetiza os conteúdos que foram trabalhados ao longo do capítulo, e “Atividades” (subdividida em: “Revendo”, “Interagindo” e “Contraponto”), na qual são elencadas sugestões de atividades e de exercícios.

**Quadro 5 – Divisão por capítulos/seções (*Sociologia Hoje*, 2ª ed.)**

OBRA	QUANT/ PÁG.	QUANT/ CAP.	EIXOS	QUANT/ CAP. POR EIXO	QUANT/ SEÇÕES	QUANT/ SUBSEÇÕES
SOCIOLOGIA HOJE	384	15	CULTURA	5	5	30
			TRABALHO	5	5	25
			PODER	5	5	25

**Fonte:** Elaboração própria.

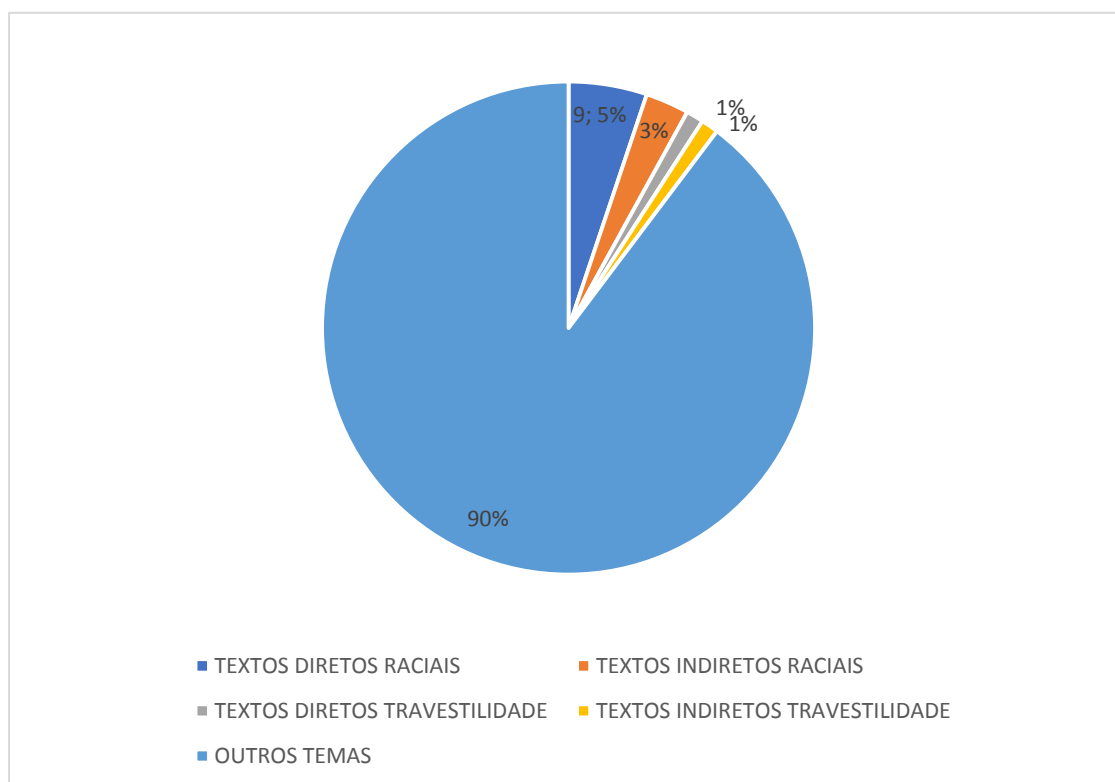
Dentro de todo conteúdo do livro, os textos diretos sobre a questão racial somam 5% e estão mais localizados no eixo Poder, sendo que, neste mesmo eixo, o autor usa predominantemente a terminologia *negro/negritude*. O eixo Poder está mais relacionado a movimentos sociais, cidadania, partidos; à participação social no contexto político, enfim. Os textos que falam da questão racial de forma indireta somam 3%. Eles estão mais localizados dentro do eixo Cultura. Neste mesmo eixo, a terminologia mais utilizada é *etnia/étnico*. E esses termos estão mais ligados aos textos que falam sobre a antropologia, a questão indígena e a cultura. No eixo Trabalho, em relação à questão racial, a terminologia utilizada é *negro/negritude*. Em todos os eixos, podemos identificar que as terminologias sobre a questão racial não aparecem em nenhum título.

Sobre a questão travestilidade, os textos que tratam dela de forma indireta somam 1%, sendo que estão mais localizados no eixo Cultura. Os textos que tratam de forma direta a questão correspondem a 1% e estão todos localizados no eixo Poder, especificamente no título “Os movimentos sociais” e “Os valores pós-materialistas”. É interessante observar que, no título “Os movimentos sociais”, as três terminologias da travestilidade utilizadas são: *transgênero*, *transexual* e *travesti*, sendo que nenhuma delas aparece nos títulos dos textos. E um aspecto importante que podemos perceber nessa análise é que, no eixo Trabalho, não tem nada relacionado à temática travestilidade, sendo que essa é outra questão importante de dar visibilidade, porque as pessoas transgêneras enfrentam problemas de se inserir no mercado de trabalho.

Somente em um texto do livro todo é que a questão racial e a de travestilidade aparecem juntas, que estão no texto cujo título é “Antropologia urbana”. Julgamos importante nos atermos a isso, porque demonstra um silêncio em relação à questão das pessoas transgêneras negras.



**Gráfico 5 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema  
(Sociologia Hoje, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 5 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude  
(Sociologia Hoje, 2ª ed.)**

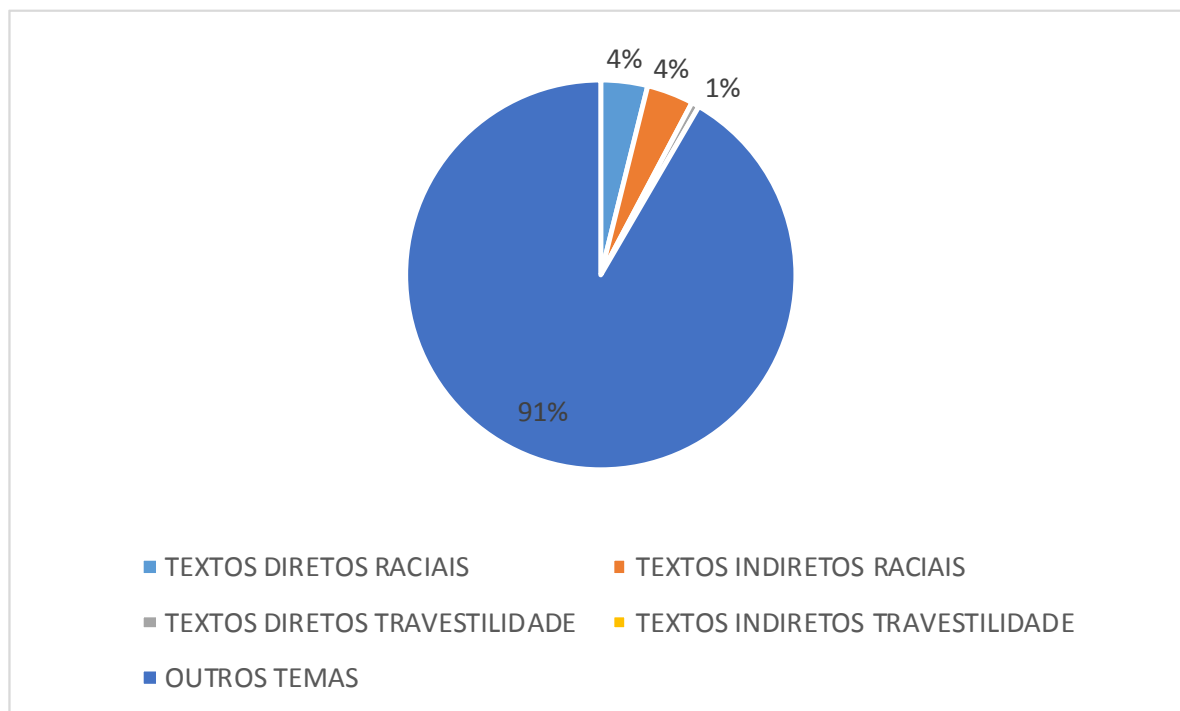
	TÍTULO	PÁG DO TÍTULO	total de páginas	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNERO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA	Ciências Sociais: informações e pensamentos críticos	20	3				x	x	x		x
	Parentesco e propriedade modos de organização social	33	3	x							x
	Populações Indígenas no Brasil	40	2		x					x	
	O Conceito de cultura no Século XXI	51	2		x						
	O conceito de Etnicidade	71	3		x						x
	Os primeiros Tempos	81	2		x						x
	A Consolidação da antropologia Brasileira	80	2		x						x
	Antropologia e relações raciais	88	3			x				x	
	Antropologia Urbana	91	2			x		x			x
Trabalho	Interpretações sobre a formação de Brasil	189	5	x		x					
	A escravidão e a questão racial	193	6			x				x	
PODER	Política e poder	251	3			x				x	
	Partidos políticos	262	3			x				x	
	Os movimentos sociais	293	3				x	x	x	x	
	Problemas da ação coletiva	295	3			x				x	
	Estado e cidadania no Brasil	309	4			x				x	
	Os valores pós-materialistas	333	3					x		x	

**Fonte:** Elaboração própria.

Dentro dos boxes presentes nos capítulos, somam-se 4% dos textos diretos na questão racial, sendo numericamente mais localizados no eixo Cultura, e as terminologias mais utilizadas nessa questão são *raça/racismo* e *etnia/étnico*. No eixo Poder, há apenas um box sobre questão racial, e a terminologia usada nele é *negro/negritude*. Os termos *negro/negritude* estão presentes apenas nos eixos Trabalho e Poder, somando sua presença em apenas dois textos. Outros 4% representam os textos que tratam de forma indireta a questão racial, sendo que aparecem nos eixos Cultura e Trabalho, e aqui as terminologias mais utilizadas são *raça/racismo* e *etnia/étnico*.

Sobre o tema travestilidade, 1% dos boxes – isto é, apenas um box – fala de forma direta, e está localizado no eixo Cultura apenas. Nesta situação, os termos usados são *transgênero*, *transexual* e *travesti*; sendo, então, 91% do restante relacionados a outros temas. Em nenhum dos boxes a questão de travestilidade foi mencionada junto à questão racial. Esse afastamento das duas questões é prejudicial para o entendimento da população trans, porque parte dela é negra; e não tendo um conteúdo sobre essa especificidade, fica esquecida.

**Gráfico 6 – Box por temas (*Sociologia Hoje*, 2ª ed.)**



Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 6 – Lista de boxes (*Sociologia Hoje*, 2ª ed.)**

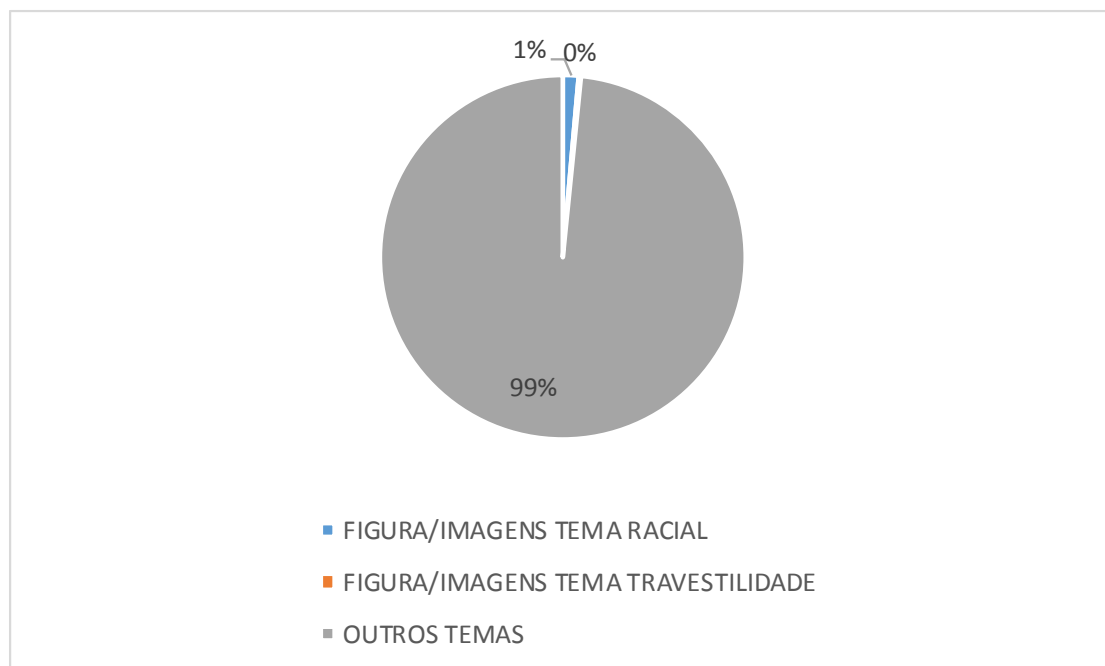
	TÍTULO DO BOX	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
			RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ÉTnico (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE RO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA	Assim Falou ... James Frazer	30	x						x	
	Evolucionismo x darwinismo social	31	x						x	
	Léxico	40		x					x	
	Léxico	41		x						x
	Assim Falou...Boas	51	x						x	
	Léxico	52				x	x	x	x	
	Para saber mais Conflitos étnicos	73		x						x
	Para Saber mais Etnicidade e raça	74	x						x	
	Para Saber mais Explicando a sociedade brasileira	87		x						x
	Assim Falou ... Florestan Fernandes	90	x							x
PODE TRABALHAR	Você já pensou nisto?	192			x					x
	Modernidade e pós-modernidade	213		x						x
	Perfil Octavio Ianni	281			x				x	

Fonte: Elaboração própria.

Em relação às imagens, apenas 1% delas é relacionado à questão racial, e nenhuma à travestilidade, sendo 99% apenas de outros temas. Nestas imagens, a terminologia *etnia/étnico* aparece por três vezes, nenhuma delas no eixo Trabalho; a terminologia *negros/negritude* aparece por quatro vezes, estando distribuída nos três eixos, e estão nos textos que falam sobre Antropologia e questão racial, escravismo e questão racial, cultura em geral e, por fim, partidos políticos; o termo *transsexual* apenas uma vez no eixo Cultura; e não há ocorrência dos termos *travesti* e *transgênero*. A única imagem do livro relacionada à questão travestilidade aparece no texto que fala sobre antropologia urbana, e isso desperta uma curiosidade de por que aparecer num texto de antropologia urbana, o que acontece no ambiente urbano com a população transexual que a antropologia urbana se interessaria em estudar. As imagens são questões importantes, porque é o âmbito visual das problemáticas que pode ajudar na desconstrução de preconceitos e de estereótipos e que pode também auxiliar no enriquecimento do entendimento das questões. Em nenhuma imagem, as terminologias em relação à questão racial e à questão travestilidade estão mencionadas juntas, o que reforça o silêncio sobre a especificidade de pessoas transgêneras negras.

Ao longo desta obra, não encontramos qualquer gráfico ou tabela que apresentasse ligação com os temas de raça e de transexualidade.

**Gráfico 7 – Percentual de imagens e de figuras por temas (*Sociologia Hoje*, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 7 – Lista de imagens e de figuras por tema (*Sociologia Hoje*, 2ª ed.)**

	Figuras/figuras	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG					
			RAÇA (L) RACISMO	ETINIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE RO	TRANSXUAL	TRAVESTI
CULTURA	Nesta imagem, retirada ... Em regiões da América do Norte	46		x				
	Esta charge de Novares ... Contra as políticas de cotas	59			x			
	Cartaz do VII ... Vicente Francisco do Espírito Santo (1949-2011)	90			x			
	Mocassim do Séc XIX...Estados Unidos	115		x				
	O cartum expões... à população LGBTI	119					x	
TRABALHO	Para entender esse ... De forma igualitária	194			x			
PODER	Retrato de André Pinto ... efetivo da cidadania	292			x			
	Embora sua teoria... senado e da câmara	338		x				

**Fonte:** Elaboração própria.

#### 4.2.3. Análise quantitativa de *Tempos Modernos*, *Tempos de Sociologia*

O livro do estudante, com 384 páginas, está organizado em três partes distribuídas em 22 capítulos. Todos eles possuem itens, subitens, caixas de textos e boxes diversos. Os capítulos encerram-se com um pequeno box chamado “Recapitulando”, que procura resumir em um parágrafo o que foi trabalhado. Em seguida, encontram-se duas seções: uma de complementos, com os subitens “Leitura complementar”, “Fique atento!”, “Sessão de cinema”, e outra de atividades, com os subitens “Construindo seus conhecimentos”, “Monitorando a aprendizagem”, “De olho no ENEM”, “Assimilando conceitos”, “Olhares sobre a sociedade” e “Exercitando a imaginação sociológica”. Ao final das três partes que compõem o livro, encontra-se uma seção intitulada “Conceitos Sociológicos” – isto é, um minidicionário sociológico com explicações sintéticas de conceitos importantes.

#### **Quadro 6 – Divisão por capítulos/seções (*Tempos Modernos*, *Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**

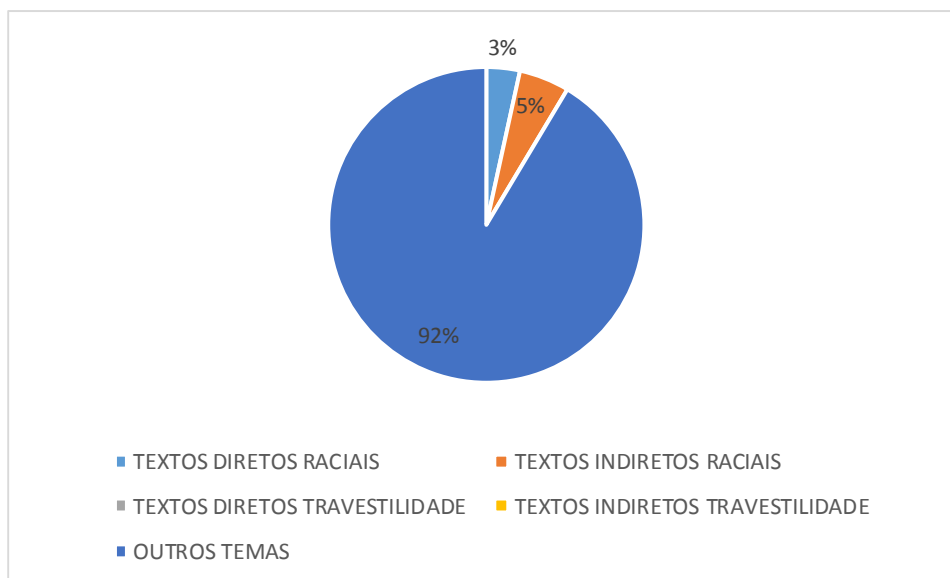
OBRA	QUANT/ PÁG.	QUANT/ CAP.	EIXOS	QUANT/ CAP. POR EIXO	QUANT/ SEÇÕES	QUANT/ SUBSEÇÕES
TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DE SOCIOLOGIA	384	22	CULTURA	4	26	NÃO UTILIZA
			TRABALHO	9	67	
			PODER	9	60	

**Fonte:** Elaboração própria.

Na produção total do livro, os textos que tratam diretamente da questão racial representam 3%, sendo que na maioria deles a terminologia utilizada predominantemente é *negro/negritude*, que está distribuída nos eixos Cultura e Poder, e sendo que no eixo Trabalho não há nenhuma menção à questão racial de forma direta, apenas indireta. Os textos que tratam da mesma questão de forma indireta representam 5% do livro, sendo que a maioria utiliza a terminologia *negro/negritude* e parte deles falam de questões institucionais como cotas, racismo na legislação brasileira e políticas públicas. O interessante deste livro é que se utiliza muito mais as terminologias *raça/racismo* e *negro/negritude* do que a terminologia *etnia/étnico*. O termo *negro* está presente no título de dois textos e a terminologia *raça/racismo* aparece também em dois títulos.

Ao que diz respeito à questão travestilidade, não há nada dentro da produção do livro; invisibilidade total.

**Gráfico 8 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**



Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 8 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**

	TÍTULO	PÁG DO TÍTULO	total de páginas	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ÉTNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNERO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA	Antropologia e alteridade	41	1	X	X					X	
	Raça e história	46	2	X	X						X
	A política na vida contemporânea	60	2	X		X					X
	Argumentos em favor das cotas para a população negra no Brasil	62	1	X		X				X	
	Legislações racial sempre tem frutos funestos.	63	1	X						X	
	As políticas públicas	66	1 1/2			X					X
TRABALHO	Julgar os outros pelo próprio ponto de vista	168	1 1/2	X		X					X
PODER	O destino nacional	212	1			X					X
	Trabalho livre: libertos e imigrantes	238	1/2			X					X
	A invenção de novas religiões	258	1			X					X
	Todos iguais ou muito diferente?	284	2	X	X	X				X	
	Negro na pele ou negro no sangue	286	3	X		X				X	
	Raça e racismo na legislação brasileira	289	1	X		X				X	
	A geografia da fome	290	2		X						X
	Um Problema de todos nós	36	01/fev	X							X

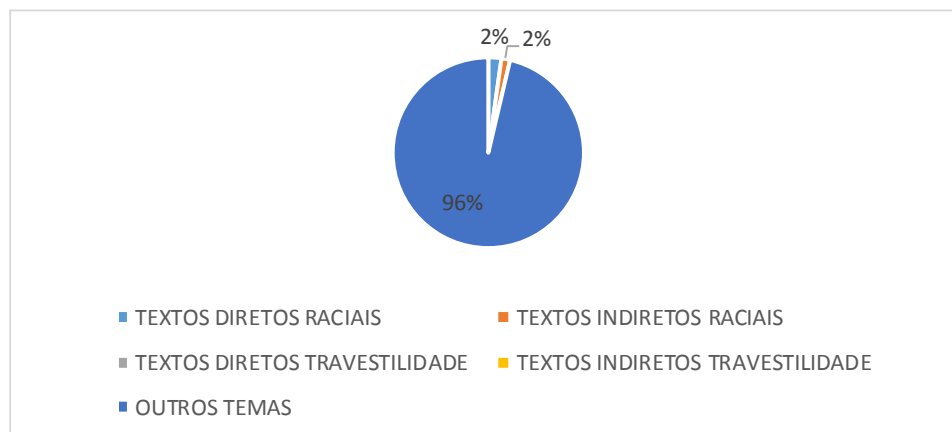
Fonte: Elaboração própria.

Nos boxes, 2% tratam de textos diretos na questão racial; outros 2% tratam indiretamente da questão; nada é citado em relação à travestilidade; enquanto que os outros 96% tratam de outros temas.

Ainda nos boxes, a terminologia *raça/racismo* aparece em duas ocasiões; as terminologias *etnia/étnico* e *negro/negritude* igualmente aparecem em duas, para cada terminologia. Entre os boxes, dois empregam a terminologia *raça/racismo*, outros dois

*etnia/étnico* e ainda outros dois *negro/negritude*. Ainda assim, a questão racial dentro dos boxes soma apenas 4% do conteúdo.

**Gráfico 9 – Box por temas (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 9 – Lista de boxes (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**

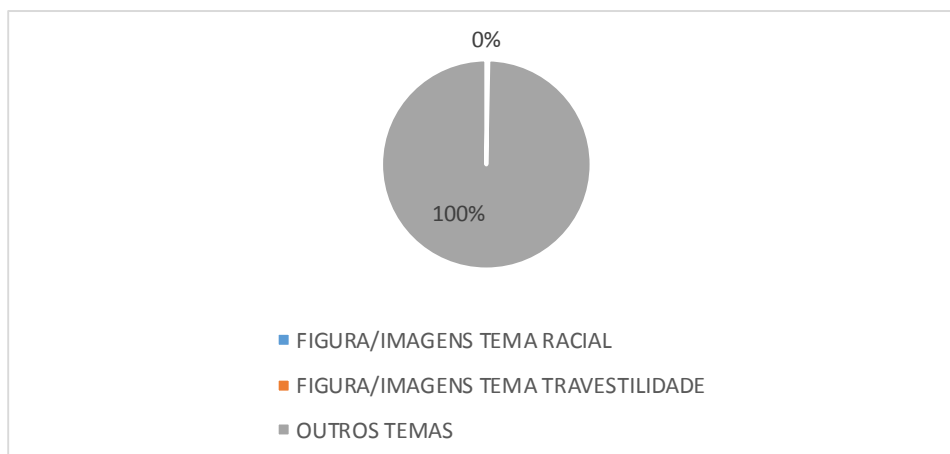
		TÍTULO DO BOX	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RAÇA (L) RACISMO	ETÍNIA (S) ÉTNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNERO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA		NÃO LOCALIZADO									
TRABALHO		NÃO LOCALIZADO									
PODER	Fique atento	229		X							X
	Oracy Nogueira	286			X						X
	"há dez décadas...e cravos negros"	287			X				X		
	"considera-se como preconceito racial..."	287	X						X		
	"Art. 1º Serão punidos..."	289	X	X					X		

**Fonte:** Elaboração própria.

No que diz respeito às imagens, nenhuma delas relaciona-se à questão racial e à travestilidade. A terminologia *raça/racismo* aparece em uma imagem apenas, e em três a terminologia *negros/negritude*, estando presentes quase totalmente no eixo Poder; uma imagem é do texto sobre religião, outra sobre a questão negra e outra, ainda, sobre racismo na legislação brasileira. Dentre todos os aspectos do livro, a questão travestilidade é totalmente invisível.

**Gráfico 10 – Percentual de imagens e de figuras por temas (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**





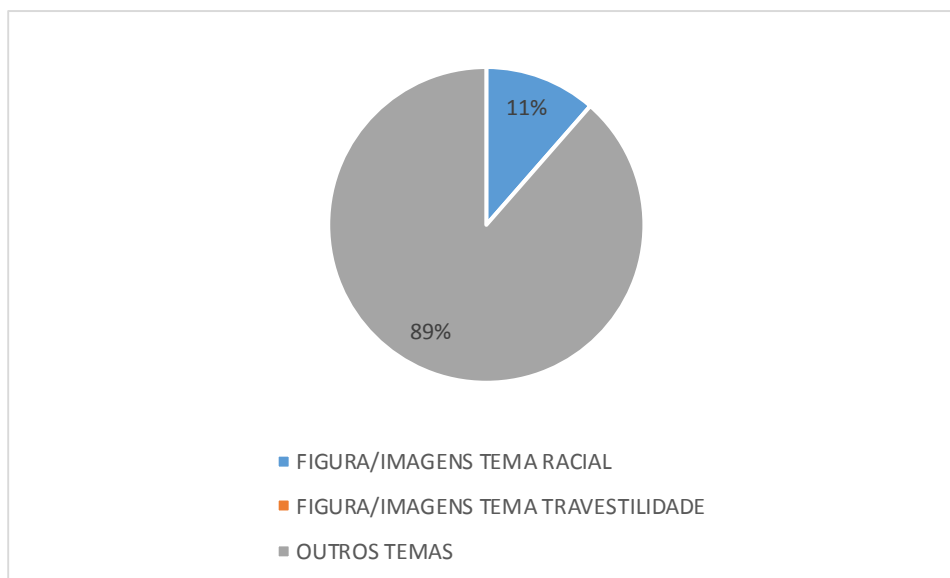
**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 10 – Lista de imagens e de figuras por tema (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**

**Fonte:** Elaboração própria.

Em relação aos gráficos e às tabelas, 11% tratam sobre o tema racial, nada sobre o tema travestilidade, e 89% são relacionados a outros temas. Nestes gráficos, a terminologia *raça/racismo* aparece em apenas um e a terminologia *negros/negritude* aparece em três. Os gráficos sobre questão racial estão localizados apenas no eixo Poder, sendo dois deles parte do texto sobre trabalho livre, e outros dois deles parte do texto que discutem a diferença de raças. Na questão racial, os gráficos e as tabelas trazem uma perspectiva diferente, porque o trabalho livre entre a população negra liberta é pouco discutido.

**Gráfico 11 – Percentual de tabelas e de gráficos por temas (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 11 – Lista de tabelas e de gráficos (*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, 3º ed.)**

**Fonte:** Elaboração própria.

#### 4.2.4. Análise quantitativa de *Sociologia em Movimento*

Trata-se de um livro com 399 páginas, contendo seis unidades, sendo que cada uma compreende dois ou três capítulos, totalizando 15 capítulos. Em todos eles, existe uma regularidade na exposição de determinados assuntos inseridos em diferentes seções: inicia-se com “Primeiras palavras”, passa-se às “Considerações sociológicas”, ao “Direito e sociedade” e, por fim, às “Atividades”. Em alguns capítulos, destacam-se outros assuntos, com seções intituladas “Interfaces” e “MovimentAção”. Observa-se que o conteúdo desenvolve-se entre cada uma dessas seções, sendo que o título do capítulo prenuncia o assunto a ser abordado. Um quadro chamado “Saiba mais” sempre busca aquilatar aquilo que está sendo discutido. É importante destacar também que o livro contém um extenso sumário e muitas referências bibliográficas expressas ao final da obra.

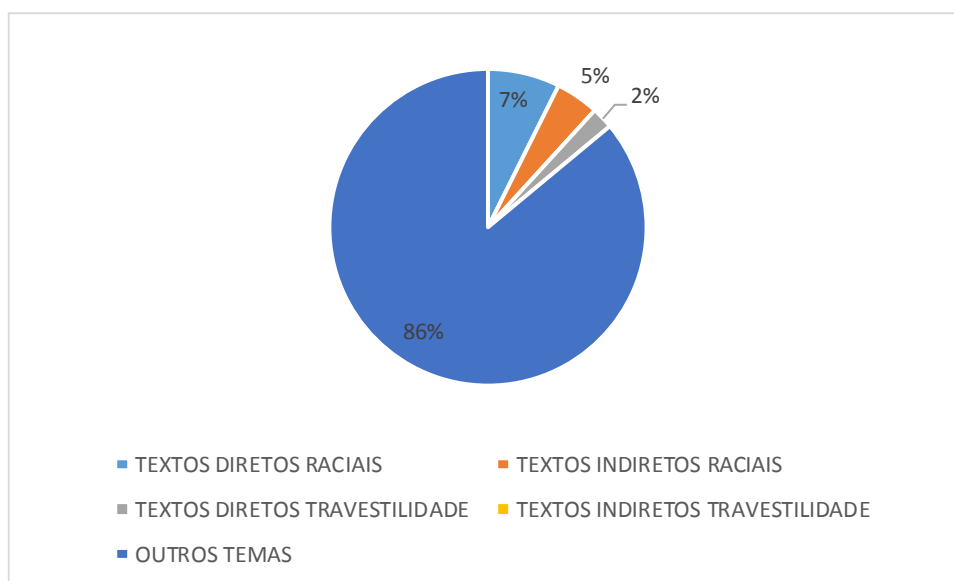
Sobre cada uma das seções, a partir do título “Primeiras palavras”, estudantes e professores são apresentados ao assunto que será abordado no capítulo, seguido de uma explanação histórica. Há, nesta seção, uma linha do tempo para matizar diversas situações históricas, todas necessárias para abarcar o que está sendo debatido.

**Quadro 7 – Divisão por capítulo/seções (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**

OBRA	QUANT/ PÁG.	QUANT/ CAP.	EIXOS	QUANT/ CAP. POR EIXO	QUANT/ SEÇÕES	QUANT/ SUBSEÇÕES
SOCIOLOGIA EM MOVIMENTO	399	15	CULTURA	4	16	NÃO UTILIZA
			TRABALHO	4	18	
			PODER	7	35	

**Fonte:** Elaboração própria.

**Gráfico 12 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

Do total dessa produção, 7% são de textos que tratam de forma direta o tema racial. Destes textos, a utilização das terminologias *raça/racismo*, *etnia/étnico* e *negro/negritude* variam bem, predominando *raça/racismo*. Outros 5% dos textos tratam da mesma temática de forma indireta e também variam no uso das terminologias relacionadas à questão racial. Dentre os textos do livro, em cinco dos seus títulos aparecem palavras relacionadas à terminologia *raça/racismo*, sendo que em dois dos títulos estão presentes conjuntamente a questão gênero. A questão racial está bem distribuída em todos os eixos do livro.

Outros 2% do livro são destinados a textos que tratam de forma direta o tema travestilidade; o termo *travesti* nunca é utilizado. Os termos *transexual* e *transgênero* aparecem apenas no eixo Poder, sendo a primeira visível em dois textos e a segunda em um texto. A terminologia transexual aparece em dois textos cujos títulos são relacionados à sexualidade e ao patriarcado. Embora as terminologias comuns à questão travestilidade não tenham aparecido em nenhum título, mas apenas em seus respectivos textos, a questão da travestilidade parece ser melhor tratada do que em outros livros, porque os títulos dos textos em que ela é abordada empregam termos que dizem respeito a questões que envolvem travestilidade, como gênero e patriarcado.

**Tabela 12 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**

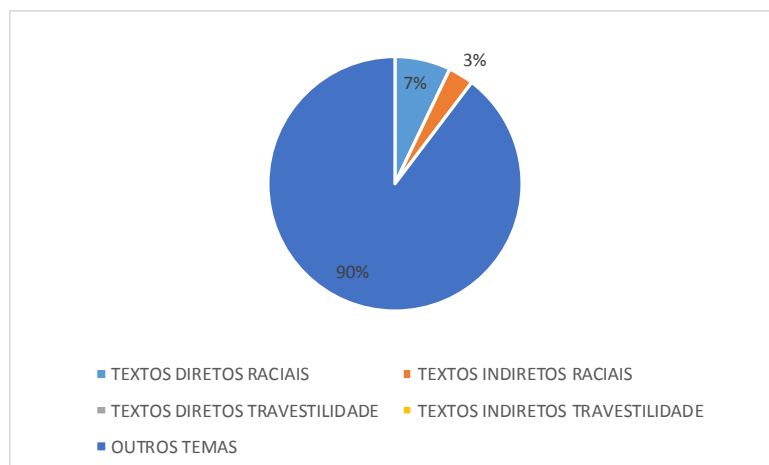
	TÍTULO	PÁG DO TÍTULO	total de páginas	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ÉTNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNERO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA	O Brasil na Sociologia do Século XXI	32	2	x							x
	Primeiras Palavras	110	1			x					x
	Preconceitos, discriminação e segregação	110	2	x						x	
	Discriminação	112	1	x	x					x	
	Teorias raciais e eugênicas	119	2	x		x				x	
	A teoria da democracia racial	120	2	x						x	
	O mito da democracia racial	121	3	x		x				x	
	Etnia: o reconhecimento das diferenças	125	2	x	x					x	
	Multiculturalismo, interculturalidade e ação afirmativa	125	4	x		x					x
Trabalho	Primeiras Palavras	64	2			x					x
	Etnocentrismo e relativismo cultural	73	2		x					x	
	A desigualdade de gênero e raça no Brasil	242	3	x		x				x	
PODER	O movimento contemporâneos identidade e direitos difusos	204	2	x		x				x	
	Segregação socioespacial	318	1		x						x
	Primeiras Palavras	330	2				x			x	
	O patriarcado e seus efeitos	335	2					x		x	
	Interseccionalidades: raça, classe e gênero	340	3	x		x				x	
	Sexualidade (s) em transformação	344	4					x		x	
	Movimentos sociais feminismo(s) e LGBT	347	3	x							x

**Fonte:** Elaboração própria.

A respeito dos boxes, 7% tratam diretamente sobre a questão racial e 3% de forma indireta, totalizando 10%. A diferença deste livro em relação aos analisados anteriormente é que boa parte dos boxes que diz respeito à questão racial está relacionada a eventos históricos. Desses, apenas um dos boxes é explícito – “O protagonismo da população negra” –, e ainda assim aborda um evento exclusivamente norte-americano, não tendo qualquer destaque do protagonismo negro no Brasil. No entanto, boa parte dos boxes especifica os assuntos relacionados à questão racial. A terminologia *raça/racismo* aparece em três títulos de boxes.

Sobre a questão travestilidade não há nenhum box, o que demonstra o seu não aprofundamento.

**Gráfico 13 – Box por temas (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

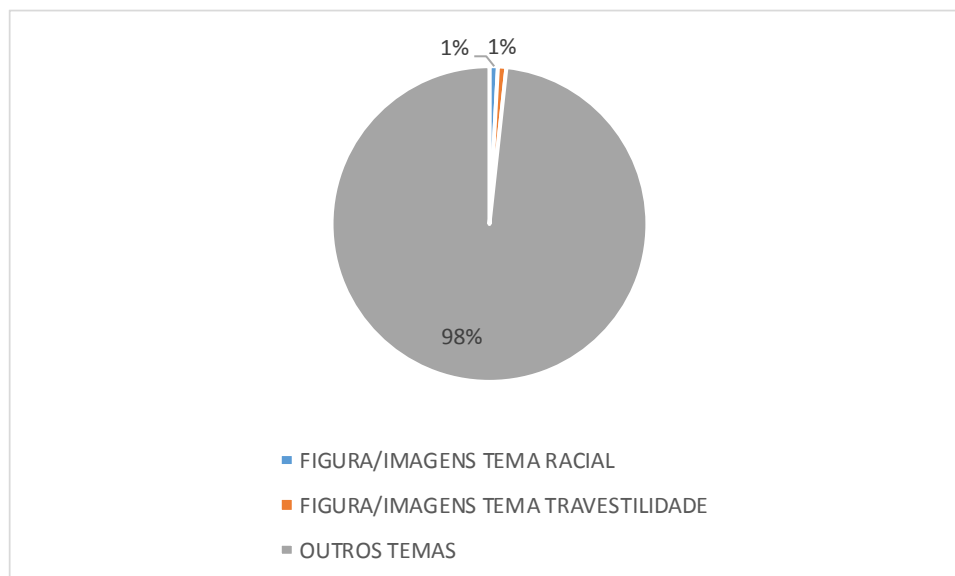
**Tabela 13 – Lista de boxes (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**

	TÍTULO DO BOX	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
			RAÇA (L) RACISMO	ETNIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE RO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA	Connsiderações Sociológicas	34			x				x	
	Ao final desse capítulo, você sabera	109	x	x					x	
	Quem escreveu sobre isso	113	x						x	
	Saiba mais discriminação contra nordestinos	115	x							x
	Saiba mais Apartheid - exemplo de segregação	117	x		x				x	
	Saiba mais a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos	122	x		x				x	
	Saiba mais Unesco e a questão racial	124	x	x						x
	Saiba mais crime de racismo e xenovobia universidade paulista	126	x							x
	Quem escreveu sobre isso ahyas siss	128	x	x						x
	Considerações sociológicas um debate as cotas raciais	129	x						x	
	Direito e sociedade	130			x				x	
	Raça e desempenho: uma falsa polêmica	131	x							x
TRABALH O	Quem escreveu sobre isso	71		x					x	
	Quem escreveu sobre isso	72		x					x	
	Pec das domésticas	251			x				x	
PODER	Cidadania formal e cidadania real no Brasil para quem são os direitos em nosso pais	190			x				x	

**Fonte:** Elaboração própria.

Em relação às imagens, 1% delas representa o tema racial, 1% o tema travestilidade e 98% outros temas. Nas imagens, a terminologia *raça/racismo* aparece em uma ocasião, *negros/negritude* em três, e ambas se encontram nos eixos Cultura e Poder. O termo *transgênero* aparece em três imagens localizadas no eixo Poder, *transexual* em uma, no mesmo eixo. Não há ocorrência do termo *travesti*. O termo *transexual* aparece explicitamente no título de uma imagem.

**Gráfico 14 – Percentual de imagens e de figuras por temas (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 14 – Lista de imagens e de figuras por tema (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**

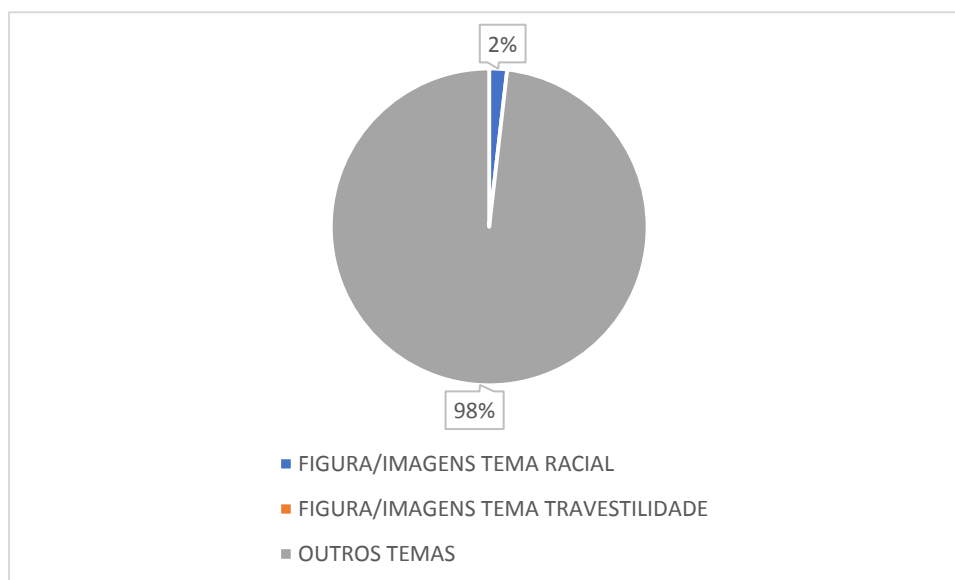
	FIGURAS/IMAGENS	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG					
			RAÇA (L) RACISMO	ETINIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE RO	TRANSXUAL	TRAVESTI
CULTURA	Mulher negra limpa ... reservados para brancos	117			x			
	Estados Unidos, 2013 ... período de escravidão	120			x			
	Polação brasileira por raça	122			x			
TRABALHO	não localizado							
PODER	Protesto em Nova York ... minorias sociais e étnicas	316	x					
	o mundo tem ... no Cazaquistão, em 2014	329				x		
	A inserção das transexuais...estado de Michigan	337					x	
	a ilustração apresenta ... Identitária de uma pessoa	345				x		
	criada pela mulher ... Um gênero definido	346				x		

**Fonte:** Elaboração própria.

Entre os gráficos e as tabelas, apenas 2% são sobre tema racial e nenhum sobre travestilidade, enquanto os outros 98% são todos de outros temas. A terminologia

*raça/racismo* aparece em apenas um gráfico/tabela, e todas as restantes não aparecem em nenhum. Esse aspecto pode demonstrar uma não preocupação ou preocupação menor com os dados estatísticos dessas questões.

**Gráfico 15 – Percentual de tabelas e de gráficos por temas (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 15 – Lista de tabelas e de gráficos (*Sociologia em Movimento*, 2ª ed.)**

	Tabela / Gráficos	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
			RAÇA (L) RACISMO	ETINIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊNE RO	TRANSXUAL	TRAVESTI		
CULTURA	O Brasil em preto e branco	114			x					

**Fonte:** Elaboração própria.

#### 4.2.5. Análise quantitativa de *Sociologia para Jovens do Século XXI*

O livro do estudante, com 400 páginas, é estruturado em torno de três unidades, cada qual com oito capítulos, num total de 24 capítulos, compostos por seções e subseções que se articulam com o texto principal de cada capítulo. A seção “Interdisciplinaridade” tem o objetivo de apresentar as contribuições de pesquisadores vinculados a outras áreas de conhecimento, tendo em vista sua articulação com as Ciências Sociais. A seção “Interatividade” é composta de várias subseções – “Revendo o capítulo”, “Dialogando com a turma” e “Verificando o seu conhecimento” – e tem como objetivo sistematizar os principais tópicos do capítulo, propor atividades didáticas e fornecer sugestões de livros,



filmes, sites e músicas para aprofundamento dos temas. A seção “Aprendendo com jogos” tem o objetivo de mobilizar de forma lúdica diferentes elementos de apoio aos processos cognitivos do estudante, propiciando um aprendizado dinâmico, através de linguagem próxima à do estudante do Ensino Médio.

Cada Unidade do livro é iniciada com um título e uma breve descrição dos conteúdos tratados. A Unidade 1, intitulada “Sociedade e Conhecimento Sociológico”, situa-se no âmbito da introdução ao pensamento social e tem como objetivo apresentar os principais conceitos das Ciências Sociais por meio de seus clássicos, problematizando a relação entre indivíduo e sociedade, em meio aos processos de socialização, de constituição de identidades e diferenças socioculturais, das visões de mundo, do trabalho e das desigualdades sociais.

**Quadro 8 – Divisão por capítulos/seções (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**

OBRA	QUANT/ PÁG.	QUANT/ CAP.	EIXOS	QUANT/ CAP. POR EIXO	QUANT/ SEÇÕES	QUANT/ SUBSEÇÕES
SOCIOLOGIA PARA JOVEM DO SÉCULO XXI	400	24	CULTURA	8	66	NÃO UTILIZA
			TRABALHO	8	72	
			PODER	7	65	

**Fonte:** Elaboração própria.

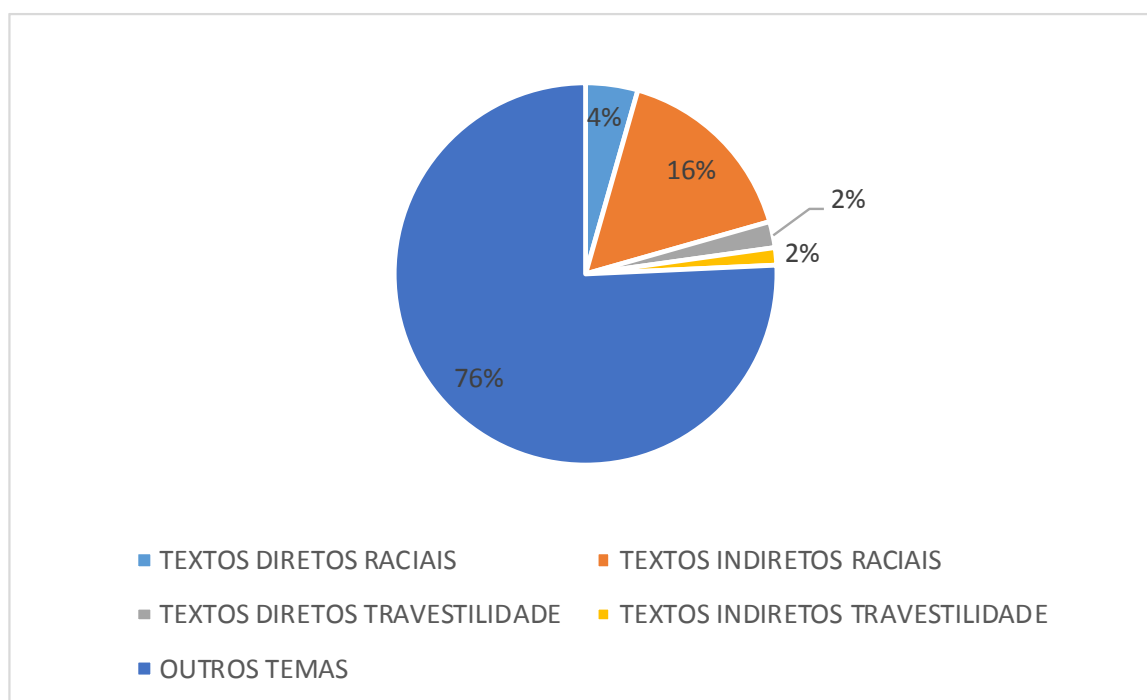
Do total da produção do livro, 4% se destinaram a textos que tratam de forma direta o tema racial, sendo que apenas nos eixos Cultura e Poder há ocorrências. Outros 16% do conteúdo relacionado a questão racial tratam de forma indireta sobre o assunto, e estão presentes em todos os eixos. A terminologia *negro/negritude* é a que predomina na questão racial, e está bem distribuída em todos os eixos, o que pode parecer que o autor se preocupou com a questão em boa parte do conteúdo da obra.

A questão travestilidade destina-se a 2% de texto, que tratam de forma direta; outros 2% tratam a questão de forma indireta. A terminologia *raça/racismo* aparece em 14 textos, e estão em maioria numérica localizadas no eixo Poder. A terminologia *etnia/étnico* aparece em oito textos e está concentrada nos eixos Cultura e Poder. A

terminologia *negro/negritude* aparece em 23 textos, sendo que estão bem distribuídos em todos os eixos.

O termo *transgênero* destina-se a cinco textos. Não ocorrências de *transexual* e *travesti* ocorre em três oportunidades. Todas as terminologias presentes estão localizadas apenas no eixo Poder. A terminologia *negro/negritude* aparece em um texto conjuntamente com *transgênero* e *travesti*, e em outro texto com *transgênero*, sendo que o primeiro, de acordo com seu título, trata-se de gênero e transgênero, e o outro sobre homofobia e transfobia.

**Gráfico 16 – Distribuição de capítulos/seções/subseções em relação ao tema  
(*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 16 – Distribuição de capítulos/seções/subseções relacionados à negritude  
(Sociologia para Jovens do Século XXI, 4ª ed.)**

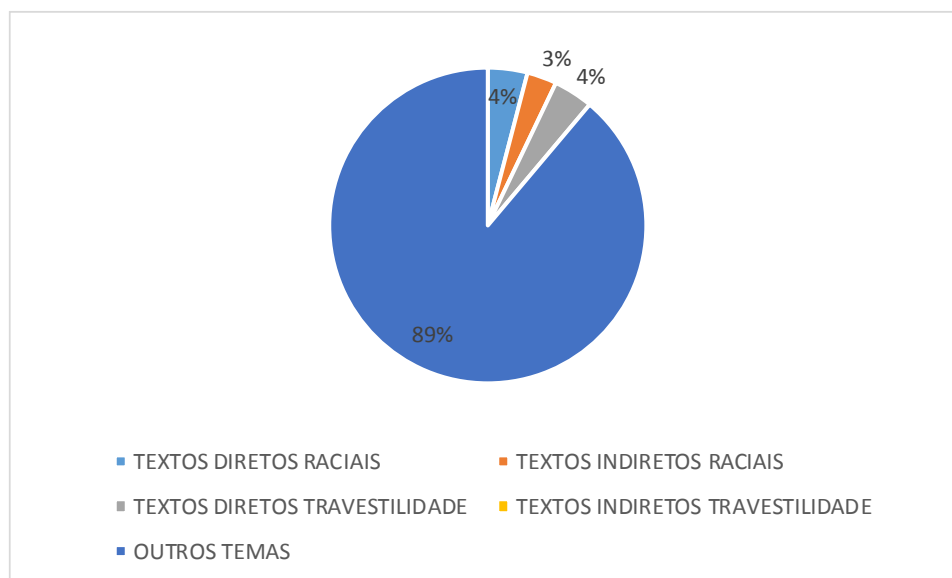
	TÍTULO	PÁG DO TÍTULO	total de páginas	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG					TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RACA (L) RACISMO	ETNIA (S) ÉTnico (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊN EGO(S)	TRASEXUAL (IS)		
CULTURA	Vamos tirar algumas dúvidas? O senso comum e a Sociologia	13	2	X						X
	"Quem sabe faz a hora e não espera acontecer?" a socialização dos indivíduos	19	3		X					X
	Cultura no senso cum	54	1			X				X
	Identidades sociais ontem e hoje	70	1 1/2			X			X	
	Voltando aos jovens: quais são as suas identidades?	71	1 1/2		X					X
	Existe uma identidade brasileira?	73	1		X	X				X
	Ser diferente é normal	79	1		X					X
	O etnocentrismo	80	2	X		X				X
	As trocas e os diálogos culturais	82	1 1/2			X				X
	A matrix nossa de cada dia	93	2			X			X	
TRABALHO	O trabalho e as desigualdades: estratificação social e mobilidade social	109	5	X		X				X
	O que é um mundo globalizado e neoliberal	138	4	X						X
	Como vão a globalização e o neoliberalismo neste século XXI?	144	3			X				X
	O que é a democracia representativa num mundo neoliberal? A história política recente do Brasil como exemplo	207	4			X				
	Definindo e caracterizando os movimentos sociais	217	2	X						X
	O surgimento dos novos movimentos sociais	221	3 1/2			X				X
PODER	Movimentos sociais no século XXI	224	1			X				X
	A cidade contemporânea como espaço de segregação socioespacial	251	6 1/2			X				X
	A sociologia da violência	281	3 1/2			X				X
	E ainda sou culpado por tudo...	290	1 1/2			X				X
	Drogas: brancos que produzem, brancos que consomem... Negros que consomem e morrem...	291	8			X				X
	A sociedade, seu problemas e a religiosidade	313	4	X		X				X
	"onde você esconde se racismo?"									
	Desnaturalizando as desigualdades raciais	321	1	X		X			X	
	O que é realmente o racismo?	322	1	X	X	X			X	
	Uma história invisível	323	2	X		X			X	
	Qual é a cor do Brasil?	325	7	X	X	X			X	
	Gênero e transgêneros: o que mudou e o que não mudou no século XX	340	7	X	X	X	X			X
	O transfeminismo e as "vadias"	349	2	X			X		X	
	Identidade de gênero	361	1				X		X	
	Transfobia e homofobia	363	2 1/2	X		X	X		X	
	Movimentos social	367	4				X		X	X
	"Quem me dera ao menos uma vez explicar o que ninguém consegue entender"	385	3	X	X	X				X

**Fonte:** Elaboração própria.

Entre os boxes, 4% são destinados a textos que abordam diretamente o tema racial e 3% a textos que abordam indiretamente, sendo que nos primeiros a terminologia *raça/racismo* é a mais utilizada. No tema racial, a terminologia *etnia/étnico* foi empregada em menor número. Esta quantificação de dados demonstra que, na questão racial, o autor se preocupou mais em discutir nos boxes em específico o racismo, já que a terminologia *negro/negritude* também foi mencionada poucas vezes.

Em relação ao tema travestilidade, 4% de boxes são destinados diretamente a ela e estão localizados no eixo Poder, sendo empregada em três o termo *transsexual* e em uma, *travesti*. Em nenhum dos boxes o tema travestilidade está ligado à questão racial.

**Gráfico 17 – Box por temas (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 17 – Lista de boxes (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**

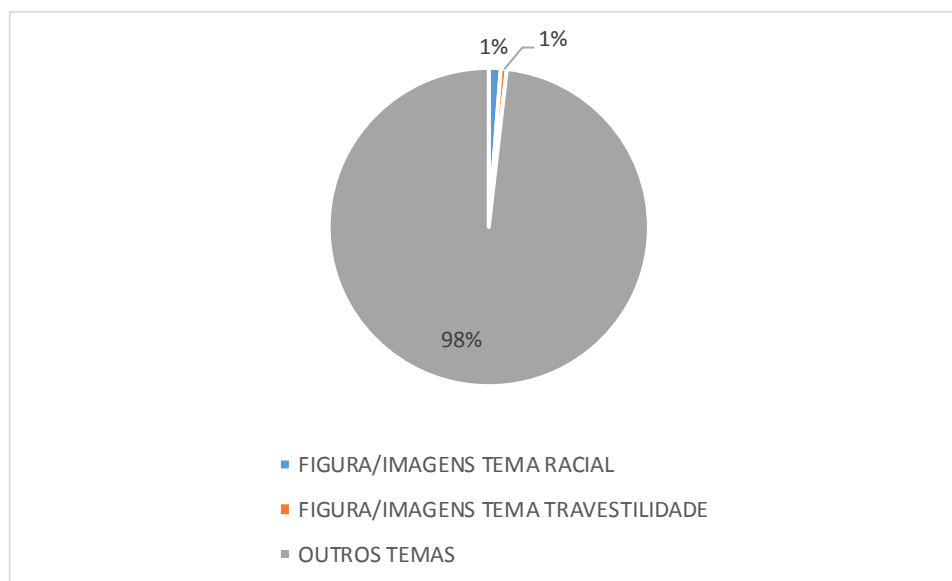
	TÍTULO DO BOX	PÁG	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
			RAÇA (L) RACISMO	ETINIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊN EGO(S)	TRASEXUAL (IS)	TRAVESTI (SO)		
CULTURA	Um professor de Sociologia	8	X							X
	Por que as pessoas entram na	88			X					X
PODER	significa reduzir...	322	X	X					X	
	preconceito	322	X						X	
	No bloco sobre ...	330	X						X	
	As críticas trazidas por ...	346	X		X				X	
	Para o monumento feminista ...	348		X						X
	Visibilidade	360					X		X	
	Pessoas trans	362						X	X	
	Homofobia	363					X		X	
	Interdisciplinalidade	371					X		X	

**Fonte:** Elaboração própria.

Das imagens e das figuras, 1% representam o tema racial; um número baixo, se comparado com a quantidade do conteúdo destinado à mesma questão. A terminologia empregada nestas imagens são *raça/racismo* e *negro/negritude*, cada uma aparecendo em duas imagens.

Outro 1% dedica-se à travestilidade, sendo o termo *transgênero* mencionado em uma imagem e o termo *travesti* em outra. As imagens nessa temática não a tratam de forma direta, e elas estão presentes no texto que leva o título “Movimentos Sociais”. Ou seja, dentro das imagens o autor trata a questão como parte de algo maior, sem utilizar nenhuma imagem que olhe particularmente para esta temática.

**Gráfico 18 – Percentual de imagens e de figuras por temas (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 18 – Lista de imagens e de figuras por tema (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**

	FIGURAS/IMAGENS	PÁG DO TÍTULO		TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG					
				RAÇA (L) RACISMO	ETINIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊN EGO(S)	TRANSEXU AL (IS)	TRAVESTI (S)
PODER	Ku Klux Klann, organização racista ...	321		X					
	Logo MNU	332				X			
	Feriado: dia da consciência negra	332				X			
	"Parem a mistura de raça...	360		X					
	Preparanem	369					X		
	Amanda Palha, travesti...	369							X

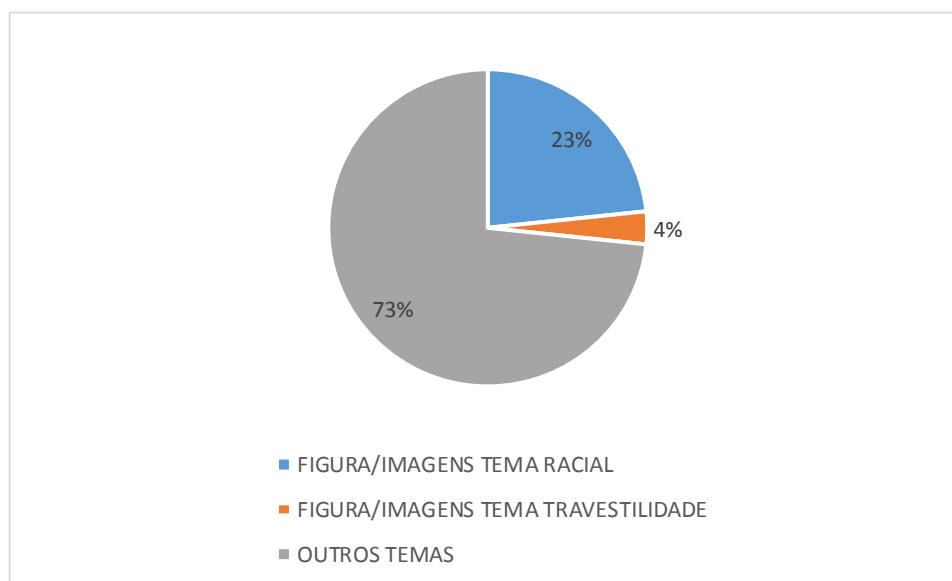
**Fonte:** Elaboração própria.

Das tabelas e dos gráficos, 23% são destinados ao tema racial e estão localizados apenas no eixo Poder. A terminologia *negro/negritude* aparece em sete tabelas. As outras terminologias da questão racial não aparecem nas tabelas. Em relação aos outros livros,

este numericamente os supera, dando um destaque maior para a questão racial de alguma forma.

Outros 4% se destina à questão travestilidade. Apesar de ser uma porcentagem baixa, ainda é superior numericamente em relação aos livros analisados anteriormente.

**Gráfico 19 – Tabelas e gráficos por temas (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**



**Fonte:** Elaboração própria.

**Tabela 19 – Lista de tabelas e de gráficos (*Sociologia para Jovens do Século XXI*, 4ª ed.)**

	TABELAS E GRÁFICOS	PÁG DO TÍTULO	total de páginas	TERMOLOGIA ADOTADA NO TEXTO/NAS PÁG						TEXTOS DIRETOS	TEXTOS INDIRETOS
				RAÇA (L) RACISMO	ETINIA (S) ETNICO (S)	NEGRO (S) NEGRITUDE	TRANSGÊN EGO(S)	TRANSEXUAL (IS)	TRAVESTI (SO)		
PODER	Taxas de homicídio total (em 100mil) por idades simples e cor. Brasil - 2010	297				X					
	Gráfico 1	327				X					
	Gráfico 2	327				X					
	Gráfico 3	328				X					
	Gráfico 4	329				X					
	IBGE	330				X					
	Gráfico5	333				X					
	transgender Europe's Trans Murder Monitoring TDOR 2013 update:	365					X	X			

**Fonte:** Elaboração própria.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os capítulos anteriores nos apresentaram uma visão quantitativa dos livros de Sociologia. Aqui, vamos apresentar um comparativo dos dados já expostos acima.

Antes, faz-se importante trazermos para discussão que dentre as ferramentas que o livro dispõe como recuso pedagógico são limitados: textos, boxes, fotos, imagens e gráficos. Para que o uso destas ferramentas seja uma escolha de seus respectivos produtores, compreendemos que, em se tratando de livro didático, todos estes recursos devam ser pensados e usados exaustivamente, a fim de apresentar aos educandos um maior nível possível de informações que possam contribuir para seu repertório de compreensão de mundo.

Ao longo desta pesquisa, fica notório que algumas publicações utilizam mais dado recurso que a outra. Porém, compreendemos que se trata de escolhas de abordagem, o que dá mais responsabilidade ainda para as publicações que optam pelos tradicionais “textos”, abrindo mão de outros recursos, como tabelas, gráficos e imagens.

Principiamos nossa reflexão acerca de quantos textos há nas publicações, ligando-os ao nosso tema de pesquisa (negritude e travestilidade). Nesta fase, os textos foram separados entre diretos (apresentam o tema como discussão central) e indiretos (apresentam os temas de maneira secundária).

O livro *Sociologia* é o que menos apresenta textos que abordam a questão racial de forma direta, porém é o segundo que mais apresenta textos que abordam a questão de forma indireta. Já a questão travestilidade não é abordada. A obra conta com 136 títulos. Deste total, encontramos apenas um que aborda de forma direta a questão racial. E de forma indireta possui 15 títulos sobre a mesma temática (*Sociologia para Jovens do Século XXI* está em segundo lugar, conjuntamente com o livro *Sociologia em Movimento*).

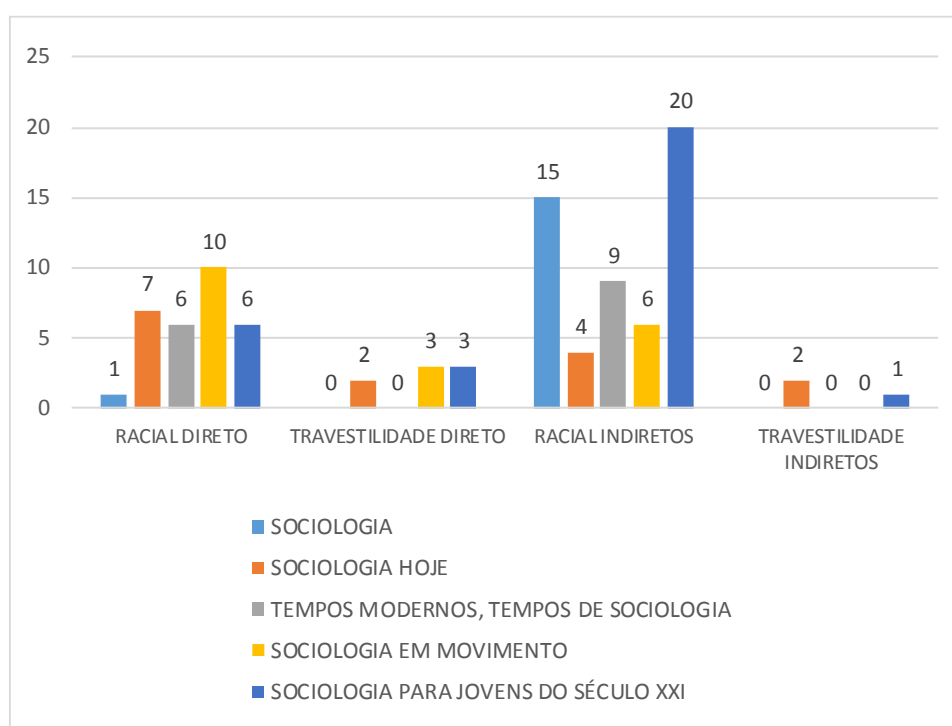
O livro *Sociologia Hoje* fica em segundo no número de textos que tratam da questão racial de forma direta, somando sete textos, sendo quatro os que abordam de forma indireta, o que é menos do que nos outros livros. É o que mais tem textos sobre travestilidade, em conjunto com *Sociologia para Jovens do Século XXI*, sendo que dois textos falam de forma direta sobre a questão e dois outros de forma indireta.

*Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* soma seis textos que falam da questão racial de forma direta e nove outros de forma indireta. Não há texto que aborde a questão travestilidade.

O livro *Sociologia em Movimento* é o que numericamente mais traz textos sobre a questão racial de forma direta e o segundo que mais traz textos que tratam a mesma questão de forma indireta, totalizando dez e seis textos, respectivamente. Sobre a questão travestilidade, ele soma três ocorrências de forma direta. É a publicação com maior número de textos, em conjunto com *Sociologia para Jovens do Século XXI*.

*Sociologia para Jovens do Século XXI*, caso somemos os textos que tratam de formas direta e indireta a questão racial e de travestilidade, é o que mais tem textos sobre cada um, totalizando 26 e quatro, respectivamente.

**Gráfico 20 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: textos/tema**



**Fonte:** Elaboração própria.

Como vimos no capítulo anterior, as obras estão organizadas dentro dos grandes temas da Ciências Sociais: Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas. Logo, buscamos observar onde as publicações encaixam a discussão de raça e transexual. Lembrando que, em nosso ponto de vista, estes são temas que tranquilamente podem permear os três eixos.

Em *Sociologia*, a questão racial está mais concentrada no eixo Poder, e na sequência: Trabalho e Cultura. A questão travestilidade está presente apenas no eixo Cultura (cabe salientar que há apenas um texto sobre).



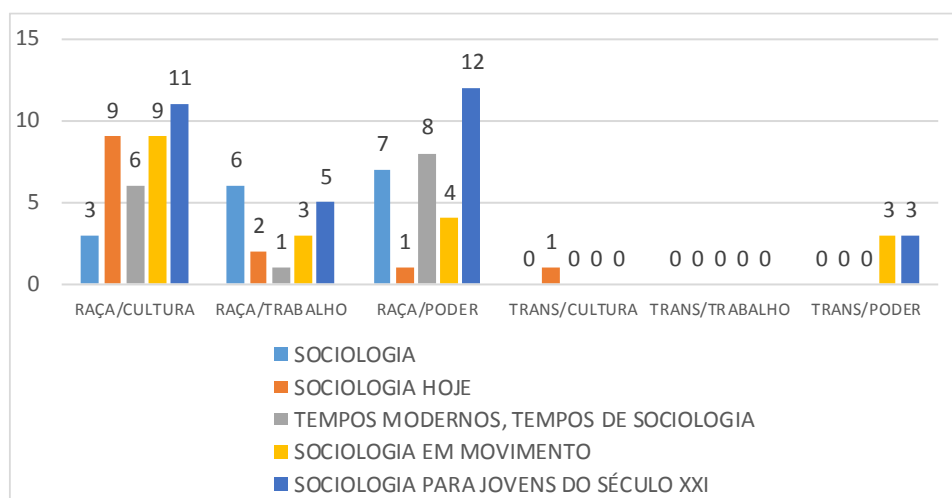
Em *Sociologia Hoje*, a questão racial está mais concentrada no eixo Cultura, e em seguida em Trabalho e Poder. Na questão travestilidade, soma-se apenas um texto, no eixo Cultura.

Em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, a questão racial está mais concentrada no eixo Poder, com oito textos; na sequência, vem o eixo Cultura, com seis; e Trabalho, com apenas um. Sobre a questão travestilidade, não há texto que a aborde.

Em *Sociologia em Movimento*, a questão racial está concentrada mais no eixo Cultura, somando nove textos; seguindo Poder, com quatro, e Trabalho, com três. Sobre a questão travestilidade, soma-se três textos apenas, todos em Poder.

Em *Sociologia para Jovens do Século XXI*, a questão racial está concentrada em cada eixo equilibradamente, sendo que em Poder há 12 textos, em Cultura há dez e em Trabalho há cinco. Sobre a questão travestilidade, soma-se três textos concentrados no eixo Poder.

**Gráfico 21 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: texto/tema por concentração nos eixos**



**Fonte:** Elaboração própria.

Quando analisamos as obras no tocante ao volume de páginas, como nos mostra o gráfico abaixo, temos os seguintes resultados.

Em *Sociologia*, temos 36,5 páginas sobre a questão racial de forma direta, nenhuma de forma indireta. Na questão travestilidade, temos três páginas que tratam de forma direta e nenhuma de forma indireta.

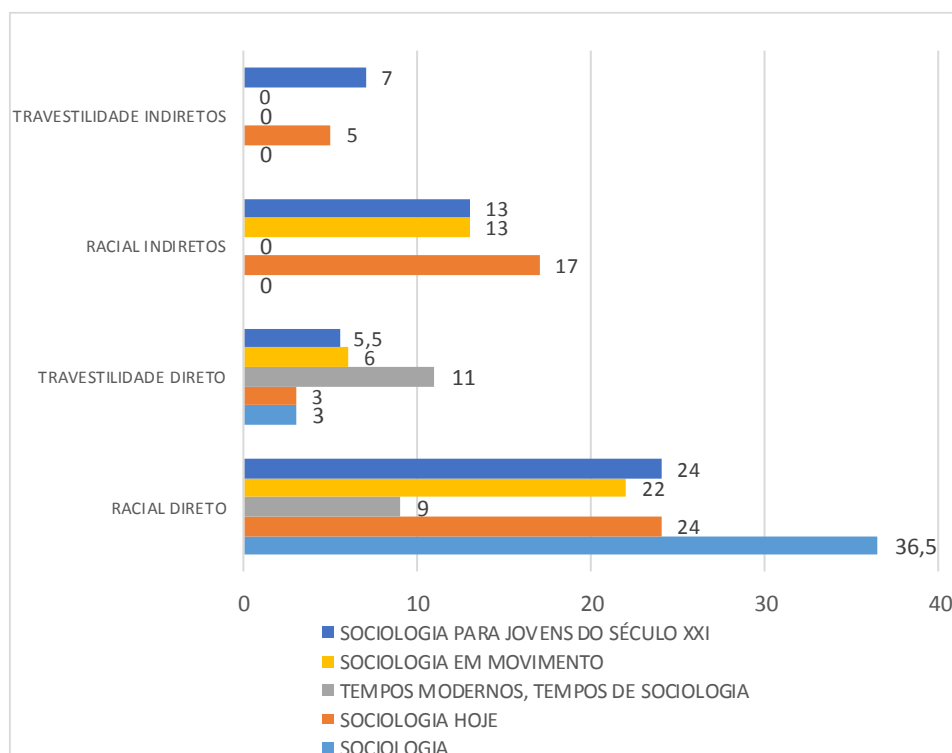
Na obra *Sociologia Hoje*, encontramos 24 páginas que tratam da questão racial de forma direta e 17 de forma indireta. No tocante à questão travestilidade, há três páginas de forma direta e nenhuma de forma indireta.

Em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, há nove páginas de forma direta sobre a questão racial e nenhuma de forma indireta, sendo que na questão travestilidade não há publicações.

*Sociologia em Movimento* soma-se 22 páginas na questão racial de forma direta e 13 de forma indireta, totalizando 35 páginas. Em travestilidade, ele traz seis páginas que tratam da questão de forma direta e nenhuma de forma indireta.

E em *Sociologia para Jovens do Século XXI*, a questão racial de forma direta ocupa 24 páginas e, quando tratada de forma indireta, soma-se 13. A questão travestilidade aparece de forma direta em 5,5 páginas, e de forma indireta somam sete páginas.

**Gráfico 22 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: quantidade de páginas por obra/tema**



**Fonte:** Elaboração própria.

Quando observamos o uso de boxes nos cinco livros didáticos, temos os seguintes resultados.

O livro *Sociologia* apresenta quatro boxes sobre a questão racial de forma direta e nove de forma indireta. Sobre a questão travestilidade, não há levantamentos.

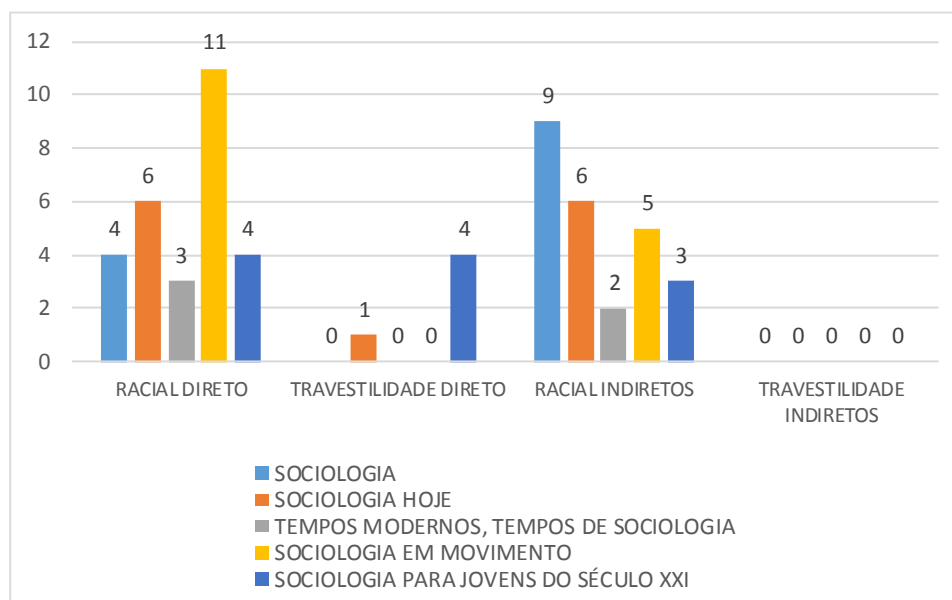
Em *Sociologia Hoje*, são seis boxes sobre a questão racial de forma direta e seis de forma indireta, sendo que a obra destina um box à questão travestilidade, tratando a questão de forma direta e nenhum de forma indireta.

Em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, três boxes são sobre a questão racial tratada de forma direta e dois de forma indireta, sendo que em travestilidade não há algum box.

No livro *Sociologia em Movimento*, 11 boxes destinam-se à questão racial tratada de forma direta e cinco de forma indireta, sendo a obra que mais proporciona boxes. À questão travestilidade, não destina nenhum.

*Sociologia para Jovens do Século XXI* possui quatro boxes para a questão racial, tratada de forma direta, sendo que de forma indireta possui três. Na questão travestilidade, tratada de forma direta, possui quatro e nenhum de forma indireta, sendo que aqui nesta temática é o que mais destina boxes.

**Gráfico 23 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: boxes por tema**



**Fonte:** Elaboração própria.

Na questão racial, o livro *Sociologia* concentra os boxes na maioria dos casos no eixo Trabalho, sendo neste seis, cinco em Poder e apenas um em Cultura. Sobre a questão travestilidade, não há nenhum box.

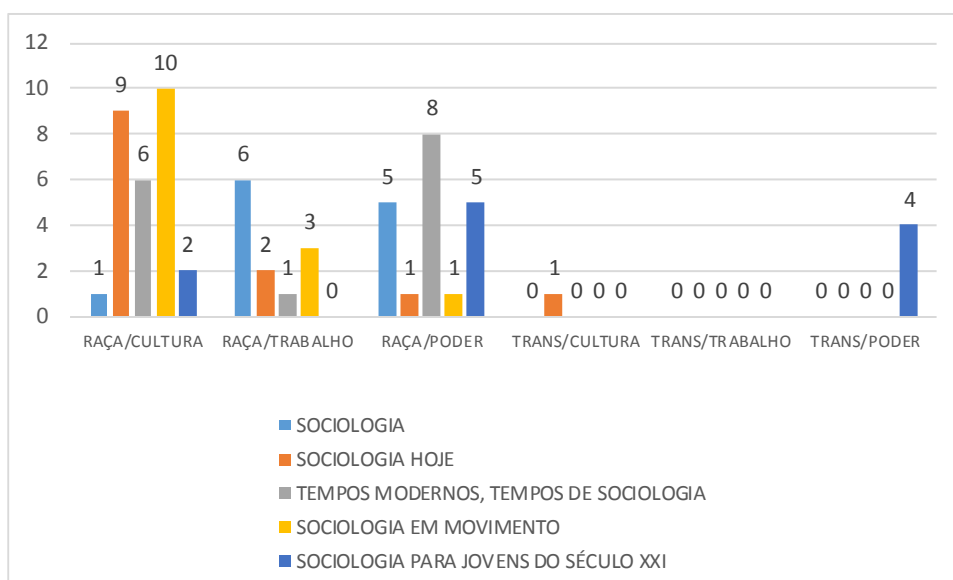
Em *Sociologia Hoje*, os boxes sobre a questão racial estão mais concentrados no eixo Cultura, totalizando nove, depois em Trabalho com dois, e por fim apenas um em Poder. Sobre a questão travestilidade, há apenas um box, em que o mesmo se localiza no eixo Cultura.

Em *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia*, os boxes destinam-se mais ao eixo Poder, somando oito, depois são seis ao eixo Cultura e um ao Trabalho. Sobre a questão travestilidade, não há ocorrência.

O livro *Sociologia em Movimento* concentra os boxes mais no eixo Cultura, somando dez, outros três estão em Trabalho e um apenas em Poder. Sobre a questão travestilidade, nenhum.

Já *Sociologia para Jovens do Século XXI* concentra seus boxes em Poder, somando cinco, mais dois em Cultura e nenhum em Trabalho. Na questão travestilidade, todos os quatro boxes concentram-se no eixo Poder, como podemos observar no gráfico abaixo.

**Gráfico 24 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: boxes/tema por concentração nos eixos**



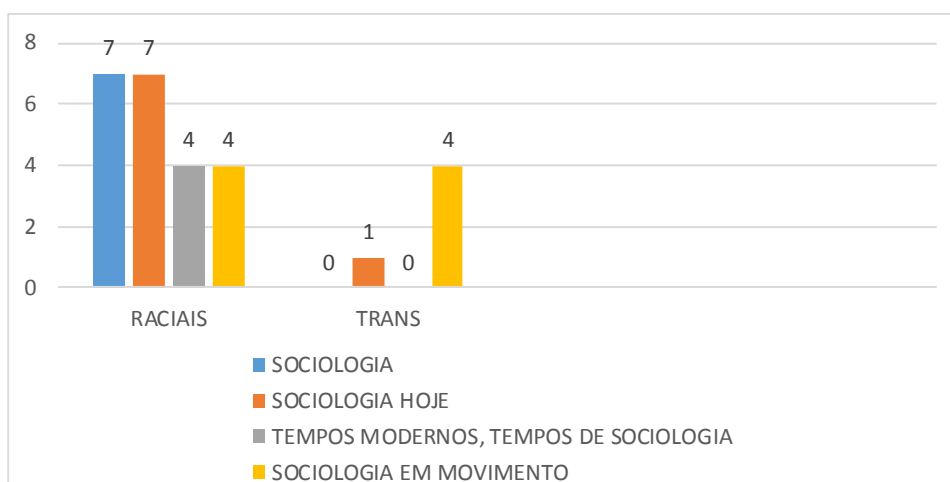
**Fonte:** Elaboração própria.

Quando buscamos nas obras a quantidade de imagens relacionadas aos temas desta pesquisa (negritude e transexualidade), encontramos os seguintes resultados.

A obra *Sociologia*, sobre a questão racial, apresenta sete imagens; *Sociologia Hoje*, sete imagens; *Tempos Modernos*, *Tempos de Sociologia* e *Sociologia em Movimento*, ambos quatro cada; e em *Sociologia pra Jovens do Século XXI* não localizamos imagens relacionadas ao tema.

Sobre a questão travestilidade, *Sociologia* não possui nenhuma figura; *Sociologia Hoje* apenas uma; *Tempos Modernos*, *Tempos de Sociologia* e *Sociologia para Jovens do Século XXI* não apresentam nenhuma imagem; e *Sociologia em Movimento* apresenta quatro, sendo o que mais possui imagens sobre a questão.

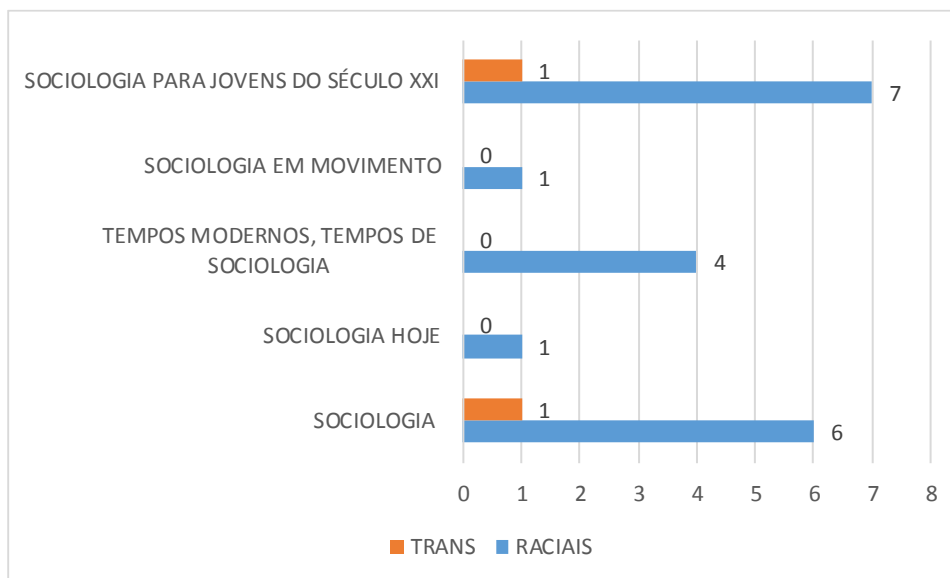
**Gráfico 25 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: imagens/figuras por tema/obra**



**Fonte:** Elaboração própria.

Em gráficos e em tabelas, a temática travestilidade quase não é tratada, possuindo apenas uma ocorrência nos livros *Sociologia* e uma em *Sociologia para Jovens do Século XXI*, totalizando duas ocorrências. A questão racial possui mais gráficos/tabelas, sendo seis em *Sociologia*; uma em *Sociologia Hoje*; quatro em *Tempos Modernos*, *Tempos de Sociologia*; uma em *Sociologia em Movimento*; e sete em *Sociologia para Jovens do Século XXI*, como podemos ler no gráfico abaixo.

**Gráfico 26 – Comparativo PNLD 2018 de Sociologia: gráficos/tabelas por tema/obra**



**Fonte:** Elaboração própria.

Em linhas gerais, podemos concluir que, por mais que as publicações contemplem a discussão da temática racial, ao compararmos com o volume das obras, a discussão não aparece nem como terciária, lembrando que estamos falando de livros destinados ao país mais negro fora da África, onde negro e não brancos totalizam mais 52% da população. Por mais que as obras proponham a discussão, ela poderia ocupar lugar de maior destaque nas publicações. Apenas a obra *Sociologia para Jovens do Século XXI* dedica um de seus capítulos inteiramente ao tema (é o *Capítulo 21 – Onde você esconde seu racismo? Desnaturalizando as desigualdades raciais*), ainda que centrando na relação de poder a temática racial do povo negro no Brasil. Outro destaque importante a se fazer: *Sociologia Hoje* distribui a discussão racial nos três grandes eixos das Ciências Sociais, afirmando nossa visão da transversalidade do tema.

Quanto à abordagem da transexualidade nos livros de Sociologia, observamos que para este tema é locado ainda menos espaço nas discussões realizadas no livro. Por mais que se trate de um tema relativamente novo na sociedade brasileira, acreditamos que seja dever das Ciências Sociais, assim como das demais Ciências, se manter diariamente conectadas com a realidade social que as cerca, a fim de apresentar suas contribuições aos temas.

Quanto ao assunto travestilidade, as obras *Sociologia* e *Sociologia em Movimento* não apresentam elementos para esta temática. Em contraponto, podemos dar destaque às

obras *Sociologia Hoje* e *Sociologia para Jovens do Século XXI*, que apresentam a questão de maneira bem ampla, com boa profundidade e com proximidade com a realidade brasileira. As obras posicionam seus argumentos no eixo Poder, mais precisamente na leitura dos movimentos sociais, e deixam clara a discussão de gênero, perpassando pelo processo histórico do movimento feminista com todas as suas contradições.

Em *Sociologia Hoje*, os autores localizam a temática da transexualidade em Cultura e em Poder. Em primeiro lugar, o livro apresenta as relações de construção histórica do tema ao ponto do olhar sobre o outro. Em segundo, a discussão centra-se em Poder, sob as visões e construções dos movimentos sociais.

Por fim, por mais críticas que existam, que devem ser acolhidas como produtivas, aos livros didáticos, decerto estes ocupam papel determinante no processo de ensino-aprendizagem, por apresentarem aos educandos o acúmulo do saber e os conhecimentos acumulados pela humanidade.

Por mais que aqui compreendamos que as publicações poderiam dar mais espaços às questões do novo negro brasileiro e poderiam incluir de maneira mais enfática a questão da travestilidade, as obras, de maneira geral, ao menos o fazem, o que só reafirma a importância destas produções no ambiente de aprendizagem, por propor outras narrativas para além do senso comum, abrindo portas para os educandos caminharem em busca de sua auto-observação sobre a vida e o mundo na busca de seu verdadeiro papel nesta sociedade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Hailey. **Introdução ao transfeminismo**. Transfeminismo, 2012. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e o seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa, 2001.

ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. *Sociologia*, volume único. São Paulo: Editora Scipione, 2018. Disponível em: <<https://www.aticascipione.com.br/pnld/edital/pnld-2018/obra/1480455/>>. Acesso em 13 abr. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1999.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOMENY, Helena; FREIRE-MEDEIROS, Bianca; EMERIQUE, Raquel Balmant; O'DONNELL, Julia. **Tempos modernos, tempos de sociologia: ensino médio**, volume único, 3ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2016.

CARDOSO, Fernando Luiz. **O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade**. In: *Interamerican Journal of Psychology*, vol. 42, n. 1. Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. Boston: Unwin Hyman, 1990.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2ª. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA JR., Henrique. **Etnia Afrodescendente, Pluriculturalismo e Educação**. Revista Pátio. Artes Médicas, ago-out, 1998.



DAYRELL, Juarez. **A Escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100.

FREITAS, Aline de. **Ensaio de construção do pensamento transfeminista.** Mídia Independente, Dezembro JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. *In: Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais.* Cronos – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, Natal, v. 11, n. 2, jul./dez. 2010.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG /Brasília: UNESCO, 2003.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomás Tadeu da. (org.). *In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis: Vozes, 2000, ps. 103-133.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos,** 2ª edição, revista e ampliada. Brasília, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade.** In: *Louro, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.

MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique. **Sociologia hoje: ensino médio,** volume único, 2ª ed. São Paulo: Ática, 2016.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto & Contexto.

MEUCCI, Simone. 2000. **A institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos**. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, março de 2000.

\_\_\_\_\_. 2000. **A institucionalização da sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos**. Dissertação de mestrado. Campinas, UNICAMP, março de 2000.

\_\_\_\_\_. **Notas sobre o pensamento social brasileiro nos livros didáticos de sociologia**. Revista Brasileira de Sociologia, vol. 2, p. 209, 2014.

MUNAKATA, Kazumi. **O livro didático como mercadoria**. Revista Pro-Posições, vol. 23, n. 3 (69), pg. 51-66, set-dez, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude e identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?** Revista da ABPN., vol. 4, n. 8. Jul-out, 2012.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil – Identidade Nacional versus Identidade Negra**. Petrópolis: Vozes, 1999. (Amado, 1995, p.38, apud Mendes Pereira, 1999.)

OAKLEY, Ann. **Sexo e gênero**. Tradução de Claudenilson Dias e Leonardo Coelho. Revista Feminismos, vol. 4, n. 1, Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2016.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar Rocha da. **Sociologia para jovens do século XXI: manual do professor**, 4ª ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2016.

PETRY, Rodolfo; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa**. Textos & Contextos. Vol. 10, n. 1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender and the politics of history**. New York: Columbia Univ. Press, 1988.

SILVA, Afrânio; LOUREIRO, Bruno; MIRANDA, Cassia; FERREIRA, Fátima; AGUIAR, João Catraio; FERREIRA, Lier Pires; SERRANO, Marcela M; ARAÚJO, Marcelo; COSTA, Marcelo; NOGUEIRA, Martha; OLIVEIRA, Otair Fernandes de; MENEZES, Paula; CORRÊA, Raphael M. C.; RUIZ, Ricardo Muniz de; PAIN, Rodrigo; LIMA, Rogério; BUKOWITZ, Tatiana; ESTEVES, Thiago; PIRES, Vinicius Mayo. **Sociologia em Movimento**, volume único. São Paulo, Moderna, 2016.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. **Feminismo e movimentos de mulheres**. Recife: Edições SOS Corpo, 2010. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/>>. Acesso em: 29 dez. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o ensino médio**, volume único, 3ª ed. São Paulo: 2013.